

O MISTÉRIO DA FÁBRICA DE LIVROS



PEDRO BANDEIRA



Rosari

PEDRO BANDEIRA

**O MISTÉRIO DA
FÁBRICA DE LIVROS**

ilustrações:

ROBERTO NEGREIROS



Edições Rosari Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bandeira, Pedro, 1942-

O mistério da fabrica de livros / Pedro Bandeira ;
ilustrações Roberto Negreiros. — 33. ed. — São Paulo :
Hamburg, 1994.

1. Literatura infanto-juvenil I. Negreiros, Roberto. II. Título.

94-4545

CDD-028.5

índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infanto-juvenil 028.5

Direitos autorais desta edição reservados

à EDIÇÕES ROSARI LTDA.

Rua Apeninos, 930 – 5º. andar cj 51

CEP 04104-020 - Tel: (OU) 55 71- 7704 - São Paulo –SP

© PEDRO BANDEIRA (Texto).

© ROBERTO NEGREIROS (Ilustrações).

Proibida a reprodução, no todo ou em parte e por qualquer processo,
sem autorização expressa dos Editores.

Impresso no Brasil *Printed in Brazil*

Em Agosto de 1988,

a GRÁFICA EDITORA HAMBURG fez 21 anos.

*Durante todo este tempo, imprimiu e editou milhões
de exemplares para milhões de leitores.*

*Por isso, em seu aniversário, só poderia
oferecer um tipo de presente:*

*este livro especial, que agora está em suas mãos,
e que é dedicado a você, o leitor.*

WILSON SIVIERO

ARIOVALDO CAPANO

AYRTO ALBERTO SCHVAN

Sumário

- 1 — O meucalipto
- 2 — *O meucalipto* vira papel
- 3 — A fábrica de livros
- 4 — Um autor para o livro de Laurinha
- 5 — Uma história toda ilustrada
- 6 — De volta à fábrica de livros
- 7 — As letras do computador
- 8 — Livro tira retrato?
- 9 — Papéis sujos de tinta
- 10 — Dobra, costura, cola e apronta!
- 11 — Um presente para Adriano

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



1

O meucalipto

LAURINHA sentiu os olhos boiando nas próprias lágrimas.

Eles choravam por Adriano.

Depois do último sinal daquela manhã de aulas, a menina não quis ir direto para casa. Foi andando sem rumo, mas seus pés a levaram para onde se dirigiam seus pensamentos. Para o bosque. O lugar onde Laurinha havia vivido o momento mais gostoso de sua vida. O momento de descoberta. Com Adriano.

— Adriano...

Escondida de todos, a menina encostou-se em um tronco, logo na entrada do enorme bosque de eucaliptos. Aquele bosque gostoso, de tantas recordações maravilhosas, com o mesmo Sol filtrando-se por entre os eucaliptos e salpicando seu corpo de confetes de ouro. Tudo igual àquela tarde. Tudo, menos a presença de Adriano...

A menina fechou os olhos bem apertado, fazendo mais lágrimas correrem pelo rosto já ardido de tanto chorar.

Na escuridão dos seus pensamentos, iluminou-se a tela das lembranças, como um filme que começa a ser projetado na sala escura de um cinema. Não havia créditos nem letreiros, só havia o rosto bonito, o rosto sorridente de Adriano. E havia ela mesma, Laurinha, miúda menina, enlevada pela companhia do seu garoto.

O *seu* garoto.

Seu primeiro. Primeira descoberta.. Primeiro carinho. Primeiro tudo...

O filme daquelas recordações tão queridas desenrolava-se dentro de seus olhos fechados. Os dois, juntinhos, mãos dadas, falando sem

palavras, sorrindo carinhos, sentindo um ao outro, sozinhos no mundo.

O bosque era aquele. Aquele mesmo onde ela agora chorava... e recordava...

Os dois embrenhados, fazendo estalar gravetos e folhas secas sob seus passos macios.

Adriano escolheu uma árvore. Um dos eucaliptos maiores, majestoso, comprido como um mastro em busca do céu. Tirou do bolso um canivete e começou a riscar a casca do eucalipto. Um coração! Com uma flecha atravessada. Dentro dele, com capricho, duas iniciais: A e L.

Ele e ela! Adriano e Laurinha. Dois namorados, unidos, para sempre!

O rapazinho voltou-se para Laurinha:

— Aqui está. Este não é mais um eucalipto,, Laurinha. Agora, vai ser o seucalipto!

— O meucalipto!

O rosto adorado de Adriano abaixou-se lentamente em direção ao seu. Laurinha entendeu o que aquilo significava. Seria o carinho maior, com o qual terminam tantos filmes, tantas novelas, tantos livros, deixando no ar uma promessa de felicidade. Um selo de amor...

Ela ergueu o queixo e cerrou os olhos. Os lábios de Adriano pousaram sobre os seus, como um pássaro que chega ao ninho. Quente, úmido, intenso...

Uma onda percorreu todo o corpo da menina. Vinha com calor, fazia ferver o sangue, tremer o cérebro, explodir o coração! Ela envolveu o pescoço do garoto com os braços, sentindo-se abraçada pela cintura, entregando-se completamente, como se aquele fosse o último e o maior momento de sua vida!



Abriu os olhos, desejando que o sonho continuasse na realidade e Adriano estivesse ali, sentado ao seu lado, no bosque que tinha sido o cenário daquele momento maravilhoso.

Não havia ninguém ao seu lado.

Laurinha estava novamente só, com suas recordações. E com sua dor.

Adriano não estava ali. Nunca mais estaria ali. Laurinha o vira naquela manhã, no colégio... Com a Lúcia! Rindo, feliz, de mãos dadas! Com a recém matriculada Lúcia da 6ª. série! Lúcia! Tinha até a mesma inicial. Assim, Adriano não teria nem de escolher outra árvore para desenhar um coração a canivete. O desenho no seucalipto serviria novamente para que Adriano beijasse sua nova conquista!

A menina levantou-se num repente e correu para dentro do bosque. Em busca do seucalipto. Ela sabia perfeitamente onde estava aquela árvore. Bem no coração do bosque, longe da estrada, longe de todos os olhares.

Parou subitamente. E se os dois estivessem, naquele momento, ao lado do seucalipto? Abraçados, olhos nos olhos, jurando amor como ela jurara naquela tarde?

Com o coração aos pulos, caminhou silenciosamente.

Distante, na direção onde estava o seucalipto, o sol brilhava mais. Havia um clarão no meio do bosque em lugar das sombras acolhedoras que haviam envolvido o primeiro beijo de sua vida.

A menina apressou o passo em direção ao clarão, começando a entender o que tinha acontecido.

E as suas suspeitas foram confirmadas.



No meio do bosque, abria-se uma imensa clareira. Daquelas árvores majestosas, só restavam centenas de tocos e pilhas de toras de mais de dois metros de comprimento. Havia derrubado os eucaliptos. Havia derrubado o seucalipto!

Horror! Laurinha correu para a primeira pilha:

— O meucalipto! Cortaram o meu eucalipto!

Não precisou procurar muito. No meio da primeira pilha, lá estava o *seucalipto*. Dava para ver perfeitamente o coração muito bem talhado, com sua flecha varando-o de lado a lado e as iniciais A e L gravadas bem fundo.

Laurinha sentou-se ao lado da pilha de toras. Agora havia mais uma razão para chorar. Havia cortado até mesmo a última recordação do seu primeiro namorado...

A menina apoiou-se no seucalipto e deixou que as lágrimas voltassem, abundantes, pingando sobre o coração entalhado a canivete.

Era a hora do almoço e o sol de inverno estava perfeito para se admirar com a cabeça apoiada no ombro do namorado. Mas ali não havia nenhum namorado para Laurinha. Havia só a solidão, e a lembrança doída de Adriano...

Naquele momento, tudo poderia acontecer para despertar a menina da sua tristeza. Tudo, menos um espirro:

— Atchim!

Laurinha abriu os olhos e procurou em volta. Quem teria espirrado?

Não havia ninguém, em toda a clareira semeada de tocos de eucalipto.

— Tem alguém aí?

— Não tem ninguém. Só eu!

Como? O que era aquilo? A voz parecia vir do...

— Do tronco? Fo-foi... foi vo-você que espirrou?

— É claro que fui eu! — respondeu a vizinha. — Qualquer um espirraria se alguém lhe derramasse um mar de lágrimas no nariz!

Laurinha estava assombrada:

— Você... você é o espírito dos eucaliptos?

— Espírito dos eucaliptos? Nada! Onde já se viu eucalipto ter espírito? Só se for espírito de porco. Mas os eucaliptos são tão limpinhos...

— Então você é o quê?

— Você não sabe? Bom, se você não sabe, ninguém há de saber...

— Só vou saber se você contar!

— Digamos que... que eu sou um... vejamos... um duende!

Laurinha estranhou:

— Um duende? Ora, duendes só existem em histórias da Europa. E nós estamos no Brasil! Ainda se fosse um saci...

— Eu posso ser o que você quiser, Laurinha. Você quer que eu me transforme em saci? E pra já!

Na mesma hora — *puf!* —, do coração entalhado do *seucalipto* projetou-se uma forma negra, de barrete vermelho, um saci perfeito!

— Está bem assim, Laurinha? — perguntou o Saci, pulando em sua única perna.

Laurinha esfregou os olhos. Como aquilo poderia estar acontecendo?

Um saci! E igualzinho ao desenho que a menina vira num livro de Monteiro Lobato!

— Quer dizer que existe saci? — admirou-se a menina.

— Sei lá se existe saci! — respondeu o saci. — Eu só me transformei em saci porque você quis!

— Porque eu quis? Então você pode se transformar em tudo o que eu quiser? Até num elefante?

— É pra já — disse o Saci e...

Puf! Lá estava um elefante com todo o tamanho que um elefante tem de ter!

Laurinha estava cada vez mais assombrada:

— Mas que enorme!

— Eu sou grande graças a você. Se eu pertencesse a "certas"

peessoas que eu conheço, talvez eu fosse miudinho como uma formiga. E talvez até fosse feio como uma máscara de carnaval...

— Mas qual é o seu jeito *de verdade*? Quem é você?

— Eu não posso lhe dizer quem sou. Você mesma é que tem de descobrir. Só posso dizer que eu sou seu e que vivo sempre a seu lado. Sempre fui seu e sempre andei com você, mesmo sem você saber...

— Olha, aqui, seu saci: eu não estou entendendo nada! Que história é essa de "pertencer" a mim? E de ser grande ou pequeno? Feio ou bonito? O que isso tem a ver com...

— Eu posso fazer tudo o que você quiser, Laurinha. Só não posso responder a essa pergunta...

— Quer dizer que eu tenho alguém que eu não sabia que tinha?

— Todo mundo tem um alguém igual a mim. Mas tem pouca gente que sabe usar. Tem gente que até usa errado e, se eu pertencesse a essa pessoa, ia ficar todo torto, aleijado, feioso... ou ia diminuindo, diminuindo, até desaparecer...

— Coitado!

— Pois é. Mas se você me usar direitinho, eu vou crescer, vou ficar bonito, vou ficar forte, e ninguém será capaz de me destruir!

A menina ouvia com atenção, mas não conseguia adivinhar aquela charada.

— Pode deixar, seu Elefante, eu ainda vou descobrir quem você é! Mas, por enquanto, acho melhor você se transformar em alguma coisa menor que um elefante, que chame menos a atenção...

— É só mandar, Laurinha. Em que você quer que eu me transforme?

Laurinha lembrou-se de outro livro de Monteiro Lobato:

— Já sei! Se você pode ser o que eu quiser, transforme-se em um anjinho de asa quebrada. Igual ao do livro "Viagem ao céu", do Monteiro Lobato!

Na mesma hora: *puff!* E lá estava um anjinho de asa quebrada e tudo!

— Que galanteza! — suspirou Laurinha, bem do jeito que dissera

a Emília, em "Viagem ao céu", quando achou o anjinho de asa quebrada.

— Está bem assim? — perguntou o Anjinho. — Se estiver, agora acho que já dá pra gente conversar sobre a sua choradeira...

O aparecimento daquele estranho ser que havia saído do eucalipto tinha feito a menina esquecer-se por um momento da sua dor, de Adriano, da derrubada das árvores. Agora, o próprio Anjinho do seucalipto vinha lembrá-la de tanta coisa ruim, que ela desejaria esquecer para sempre!

— Oh, Anjinho... É que... tem uma coisa que me deixou muito triste... Eu... eu gostava tanto desta árvore... Desta aqui, de onde você saiu. E agora... derrubaram a árvore... Daqui a pouco, todos os anjinhos de todos estes eucaliptos derrubados vão pular para fora e...

— Que nada! — interrompeu o Anjinho. — Das outras árvores não vai sair anjinho nenhum! Só do seucalipto!

— O meucalipto? Como é que você sabe o nome que o Adriano deu para esta árvore?

— Eu sei de tudo, Laurinha...

— Então me diga por que cortaram o meucalipto!

— Você mesma pode descobrir. Veja: os homens que derrubaram a sua árvore estão voltando do almoço. Por que não pergunta para eles?

— Então acho bom você desaparecer, Anjinho. Senão esse pessoal não vai entender nada, vendo um anjinho de asa quebrada solto por aqui!

— Pode deixar, Laurinha. Ninguém me vê nem me ouve. Só você...

— E por que isso?

— Você vai descobrir, Laurinha, você vai descobrir...



2

O *meucalipto* vira papel

BATENDO uma asa só, o Anjinho deu uma voejada em torno de um dos homens que chegava para o trabalho. Aquele deveria ser o chefe, e foi a ele que Laurinha se dirigiu. Levantou o nariz e foi logo bronqueando:

— Por que vocês derrubaram todas estas árvores? Por que vocês derrubaram a *minha* árvore?

— A sua árvore? — espantou-se o homem. — Que eu saiba, todas estas árvores pertencem à fábrica de papel onde eu trabalho. Estas árvores foram derrubadas para fazer papel!

Papel? A menina ficou um pouco envergonhada, com medo de fazer papel de idiota:

— Papel? O papel é feito de eucalipto?

— Você não sabia? Quando você vai para a escola, quase tudo o que você leva é produto de alguma árvore. Os livros, os cadernos, os lápis, e até a borracha, que é feita da resina de uma árvore...

— Não me importam as outras árvores! — interrompeu Laurinha. — Só me importa o que vão fazer com o *meucalipto*!

— *Meucalipto*?! — estranhou o homem. — O certo é eucalipto!

— Isso eu sei — disse a menina apontando para o tronco onde estava gravado o coração a canivete. — Mas este tronco é de uma árvore muito especial. Este é o *meucalipto*.

O homem olhou para o coração, depois para a menina, e entendeu tudo:

— O seu nome começa com A ou com L?

— Eu me chamo Laurinha...



— Sabe, Laurinha? O seucalipto não vai desaparecer. Vai ser transformado. Você quer saber como?

— Claro que quero!

— Então venha comigo. Vamos levar essas toras para a fábrica de papel, que fica aqui perto. Lá, você vai descobrir tudo.

Meia hora depois, Laurinha estava a bordo de um caminhão que levava uma grande carga de toras de eucalipto. Entre elas, estava o seucalipto.

E o Anjinho?

Bem, o Anjinho estava sentado em cima da pilha, tomando conta do tronco que tinha começado toda aquela história.

O caminhão entrou no pátio de uma grande fábrica, onde se via um maquinário enorme que ocupava uma grande área.

Com o Anjinho sempre voejando em volta, Laurinha desembarcou e ficou espiando as toras serem descarregadas do caminhão, agarradas por uma máquina que tinha grandes garras, como uma mão metálica.

O motorista foi até um homem de óculos e falou-lhe alguma coisa, apontando para a menina. O homem de óculos deu uma gargalhada e veio na direção de Laurinha.

— Meu nome é Aurélio. Sou o gerente desta fábrica de papel. Você é a menina que tem um eucalipto de estimação?

— Eu tinha... — respondeu a menina. — Mas vocês cortaram o *meucalipto*. Agora eu já sei porque as florestas estão desaparecendo. Fábricas como a sua estão acabando com as florestas!

O gerente Aurélio interrompeu a acusação da menina:

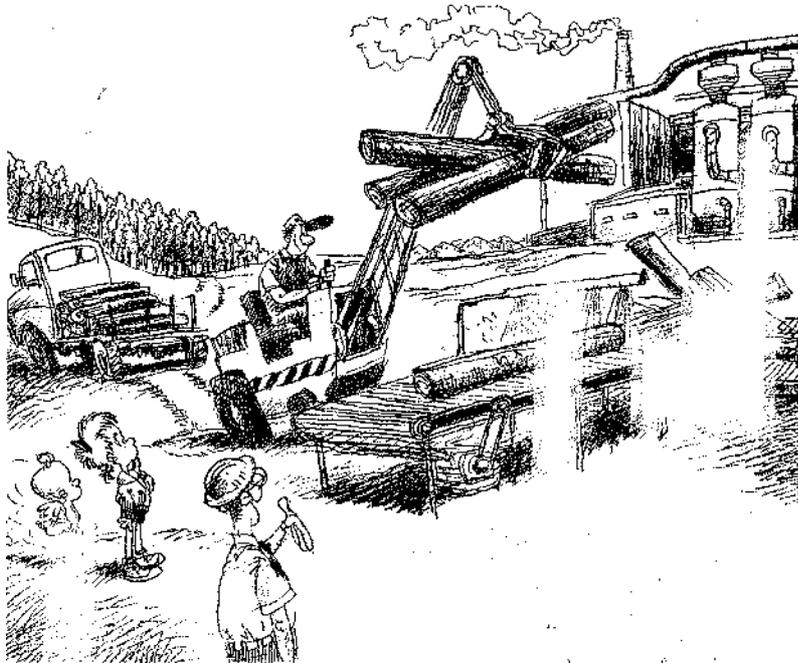
— Espere aí! Não estamos acabando com nenhuma floresta. Para cada eucalipto que derrubamos, plantamos mais dois. Quanto mais árvores são cortadas para fazer papel, mais a floresta cresce!

— Quer dizer que vocês *criam* florestas?

— Isso mesmo. Veja: há homens que matam baleias e que estão levando esses fantásticos mamíferos marinhos à extinção, porque eles não *criam* baleias para substituir as que eles matam. Mas ninguém diz

que os bois ou as galinhas estão em vias de extinção, não é? E a Humanidade usa muito mais bois e galinhas para comer do que baleias. E sabe por que os bois e as galinhas não estão em extinção? Porque os homens *criam* bois e galinhas! O mesmo que a nossa fábrica de papel faz com as árvores!

Laurinha franziu as sobrancelhas e imaginou uma parte do oceano toda cercada, com uma porção de baleias com suas baleiazinhas sendo cuidadas por centenas de vaqueiros de baleia montados em golfinhos. Neste momento, a menina arriscou uma olhada para o Anjinho. Coisa estranha! O Anjinho lhe pareceu um pouco maior. Como se tivesse crescido de repente...



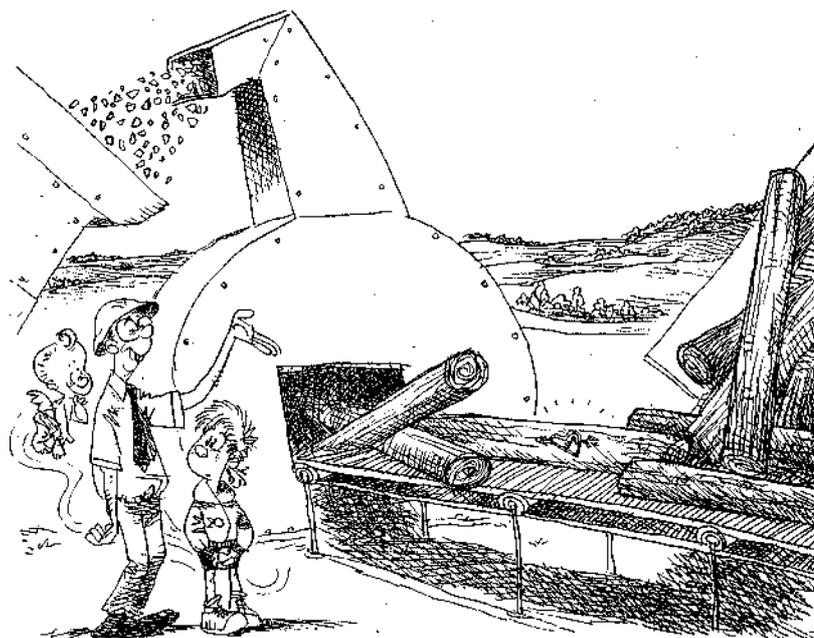
Os troncos, com cerca de 2,40 metros de comprimento, são levados ao "descascador".

— Mas os bois e as galinhas crescem depressa — observou ela para Aurélio. — Uma árvore cresce muito devagar...

O gerente Aurélio balançou a cabeça, sorrindo:

— Isto é até verdade. Mas não para o Brasil. Em quase todos os países, o papel é fabricado com pinheiros. Nas grandes florestas de pinheiro do Canadá e da Finlândia, as árvores levam de 60 a 70 anos

para chegarem à altura necessária para o corte. Mas no Brasil o eucalipto leva só de 6 a 7 anos para ficar do jeito que se precisa para ser transformado em papel. O eucalipto, aliás, nem era daqui. Veio da Austrália, para servir como dormente para as estradas de ferro. Mas o clima e o solo daqui adoraram os eucaliptos e eles adaptaram-se maravilhosamente à nossa terra. Pelo jeito, o Brasil é a fonte fornecedora de celulose do futuro!



Já descascados, os troncos entram no "picador" que os transformará em pequenos cavacos de madeira.

— Celulose? O que é isso?

— São as fibras da madeira. Papel é só isso: fibras de madeira soltas por cozimento e estendidas sobre uma tela para que se reagrupem formando a folha de papel. Depois é só secar. Venha ver, Laurinha. Vou mostrar tudinho para você!

Os troncos que tinham acabado de chegar foram colocados em uma esteira transportadora que os levou para dentro de uma enorme máquina que girava sem parar, descascando os troncos.

— Isto é o descascador, Laurinha. Ele tira toda a casca dos troncos. Em seguida, as cascas vão ser queimadas nas caldeiras. Os

galhos e as cascas dos eucaliptos são a fonte de energia na fabricação de papel. Com isso, economizamos petróleo. Até a cinza, depois, vai servir de adubo para as plantações de eucalipto. Nada se perde das árvores!

Girando como um enorme liquidificador, o descascador engolia os troncos. Laurinha viu o seucalipto desaparecer, tragado pela máquina, e depois reaparecer, peladinho, mas ainda exibindo o coração entalhado por Adriano.

Os troncos "pelados" caíram em outra correia transportadora e foram levados para outra máquina.

— Esta máquina chama-se "picador", Laurinha — explicou Aurélio. — Nela, os troncos vão ser despedaçados por facas afiadíssimas, até que tudo se transforme em cavaquinhos de madeira de dois ou três centímetros de comprimento. Veja!

De dentro do picador, uma correia transportadora trazia os cavaquinhos dos troncos já triturados.

— Está vendo, Laurinha? O seucalipto está aí...

— Isso é que é a celulose?

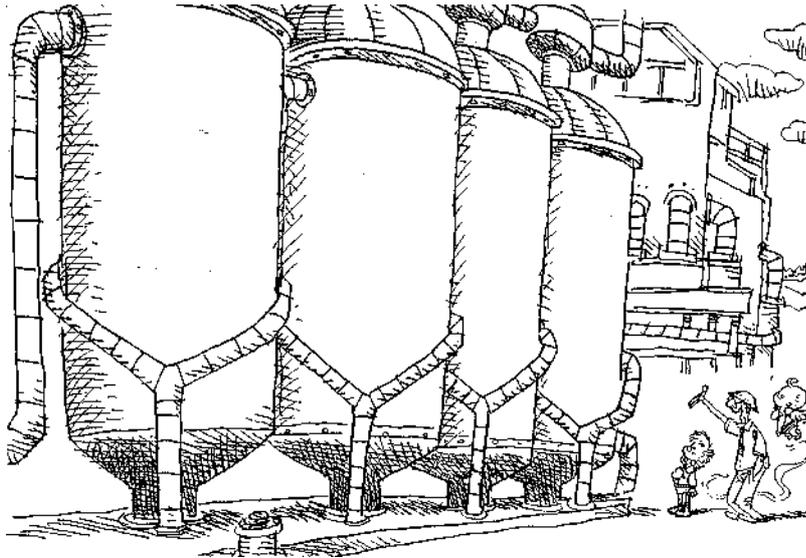
— Ainda não. Isso é somente cavaquinho de madeira. Os cavaquinhos são levados para aquele pátio. Está vendo?

Era um pátio imenso, para onde um cano muito grosso "soprava" os cavaquinhos recém-saídos do picador.

— Desse pátio, outra correia transportadora leva os cavaquinhos para aqueles grandes cilindros.

Laurinha tinha se impressionado com o tamanho daqueles cilindros metálicos, de pé como edifícios, para onde se dirigia a correia transportadora.

— Aqueles são os "digestores" mas, se você quiser, pode chamá-los de "cozinhadores". Lá dentro, as resinas que mantêm unidas as fibras da madeira vão ser dissolvidas por soda cáustica e pelo altíssimo calor das caldeiras. Esses cilindros são muito bem fechados. Funcionam como gigantescas panelas de pressão!



Os cavacos de madeira vão para os "digestores" onde serão cozidos com soda cáustica e se transformarão em celulose.

Laurinha imaginou que seria possível cozinhar ali dentro uma feijoada que alimentaria uma cidade inteira. Mais uma vez, o Anjinho pareceu crescer.

— A soda vai dissolver as resinas durante o cozimento e só vão sobrar as fibras de madeira. Vamos lá para ver.

Laurinha acompanhou Aurélio e os dois subiram por uma escada de metal que os levou até o alto das "panelas de pressão".

Pelo jeito que Aurélio falava, os cozinheiros não serviam para fazer feijoada. Serviam para fazer sopa: uma massa amarelada que era levada para dentro de grandes caixas metálicas, onde "chovia" o tempo todo.

— Misturados à soda, os cavaquinhos formam uma "sopa" química. Aí, tudo vira uma massa parda. E a pasta de celulose. Essa pasta já serviria para fazer papel pardo, aquele que se usa para embrulhos. Mas, para se obter papel branco, a massa de celulose tem de ser lavada. Na lavagem, recuperamos toda a soda cáustica que usamos para cozinhar a celulose. Nós recolhemos água de um rio que passa aqui ao lado da fábrica, filtramos toda a água e a usamos para essa lavagem.

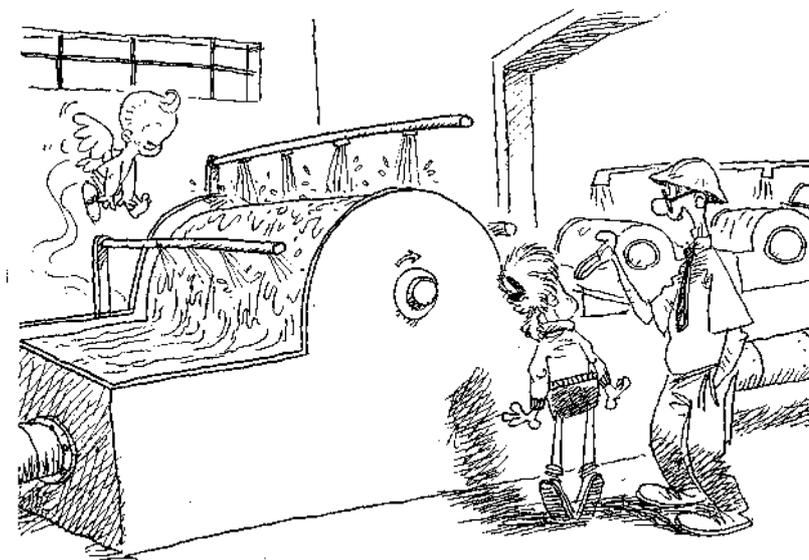
— Já sei! — interrompeu Laurinha. — Eu aprendi isso na aula

de Ciências. Depois, vocês vão jogar a água com a soda cáustica no rio e matar todos os peixes!

— Que nada, Laurinha! Está vendo aqueles grandes lagos?

Além do pátio onde eram descarregados os cavacos de madeira, Laurinha viu grandes lagos cercados como piscinas.

— Depois de tirada toda a soda cáustica, a água que sai dos cozinhadores vai para aqueles lagos e recebe filtragem, tratamento e oxigenação. Quando despejamos a água de volta no rio, ela está mais limpa e mais pura do que quando a recolhemos. Está vendo ali, na margem do rio?



A celulose passa por várias lavagens, para perder toda a sujeira e para se reaproveitar a soda.

Laurinha olhou. Calmamente, dois homens estavam sentados à beira do rio... pescando!

— Viu? O rio está cheio de peixes, vários metros depois do lugar onde despejamos a água recuperada!

Aurélio meteu a mão por uma abertura na caixa metálica, no meio da massa que estava sendo lavada.

— Cuidado! — gritou Laurinha. — A soda vai queimar sua mão!

— Já não há mais soda aqui, Laurinha — explicou Aurélio. — Só

há água e celulose!

Estendeu a mão com um pouco da massa parecida com um chumaço de algodão molhado.

— Aqui está. Isto é a pasta de celulose.

Laurinha pegou a massa. Esfarelou-a um pouco.

— Você está vendo as fibras de eucalipto lavadas? São esses fiapinhos com mais ou menos dois milímetros de comprimento. O papel que fazemos com esta celulose é chamado "de fibra curta". Os papéis europeus, feitos com celulose de pinheiro, são chamados "de fibra longa".

— Então devem ser melhores! — palpitou Laurinha. — Todo mundo diz que o que é feito fora do Brasil é sempre melhor!

— Nada! Desvalorizar o que é feito aqui é mania de brasileiro. O papel que o Brasil produz é dos melhores do mundo! Nós exportamos papel para uma porção de países!

Aurélio mostrou à menina a massa de celulose sendo lavada em várias outras "caixas" metálicas até ficar branquinha. Branquinha como... como papel!

— Nós usamos cloro para branquear o papel. Compare a celulose lavada com a massa que eu lhe dei antes.

Laurinha comparou e viu que o amarelado tinha sumido.

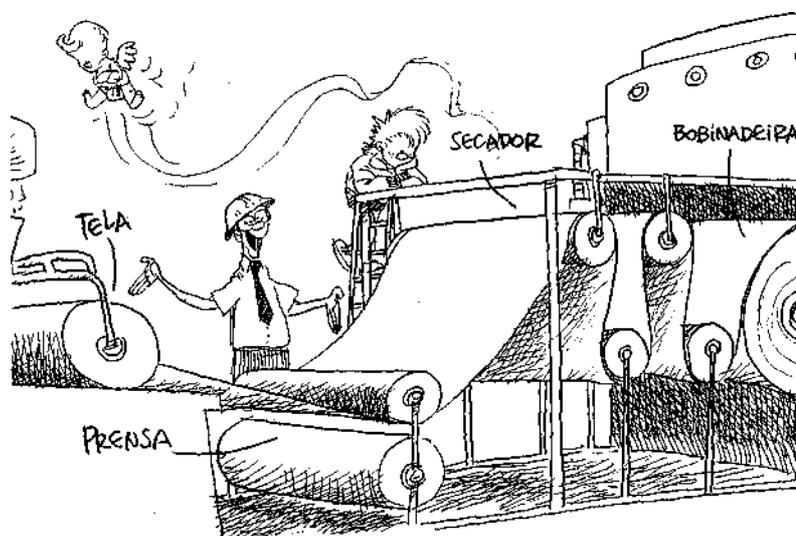
— Isto já é a pasta de celulose branqueada, mas ainda não é papel. Sabe quanto de madeira e quanto de água tem a pasta de celulose neste ponto? Só meio por cento! 99,5% é água!

Laurinha pegou um chumaço de pasta de celulose e espremeu. Era o mesmo que algodão molhado.

— Esta é a hora da "receita", Laurinha. De acordo com o tipo de papel que queremos fazer, vamos adicionar certas quantidades de outros produtos como caulim, cola, sulfato de alumínio e anilinas. Esses produtos preencherão os pequenos espaços entre as fibras de celulose e as anilinas darão uniformidade à cor do papel.

Acabada a lavagem, a pasta de celulose, já misturada com aqueles produtos, saía estendendo-se sobre uma tela plástica, fina

como a camisola de Laurinha, com um feltro por cima. Aquilo já era papel!



Pronta a "receita" do papel, ele vai passar pela secagem, pela prensagem nas "calandras" e será enrolado em bobinas. Cada bobina tem 4,5 m de largura e 14 km de extensão de papel.

O papel, molhadíssimo, começava a passar entre grandes cilindros, que o expremiam.

— Neste ponto, a água escorre através da tela. Em seguida, ao ser espremido entre esses rolos, o papel perde mais água.

Aos olhos da menina, uma quilométrica folha de papel começava a ser formada!

— O papel vai passar por três prensagens, no meio destes grandes rolos. Mesmo assim, no final das três prensagens, o papel ainda terá 55% de água...

Ao passar pelos secadores, Laurinha sentiu o calor fortíssimo que tinha de ser gerado para secar o papel. Mas, apesar do calor, era uma beleza ver o papel, branquinho, comprido, estendendo-se como um tapete de neve!

Os dois acompanharam o papel, que agora passava entre rolos de aço, que eram chamados de "calandra". A pressão dessas calandras é que determinaria a espessura da folha de papel. Aurélio explicou que,

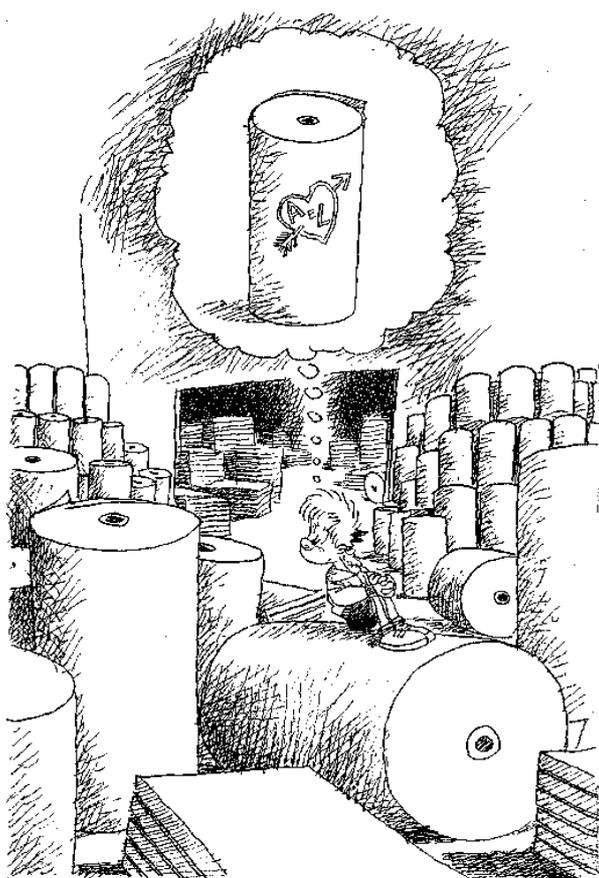
no fim do processo, depois de ser "espremido" pelas calandras, o papel terá apenas 6% de água.

— Veja, Laurinha. O papel está sendo enrolado em bobinas. Depois, conforme a encomenda, nós podemos entregá-lo em bobina mesmo, ou cortado, em folhas embrulhadas em pacotes.

— O *meucalipto* está aí? Aurélio sorriu:

— Ainda não, Laurinha. Desde a chegada da madeira até o papel pronto, nossa fábrica leva mais ou menos doze horas. O papel fabricado com o *seucalipto* só vai ficar pronto amanhã.

Laurinha não falou e concentrou-se em seus pensamentos. Uma pequena idéia começava a se formar em sua cabecinha. Na produção do dia seguinte daquela fábrica, o *seucalipto* estaria espalhado em quilômetros e quilômetros de papel. Para que seria usado aquele papel? Para onde ele iria?



O papel é fornecido às gráficas ou em bobinas para as máquinas rotativas de impressão, ou é cortado em folhas e embalado, para as máquinas de impressão plana.

Como se adivinhasse a dúvida da menina, Aurélio continuou:

— Amanhã, o papel fabricado com o seucalipto será entregue a uma porção de clientes de nossa fábrica. A primeira entrega, se não me engano, vai ser feita à Gráfica Editora Hamburg...

— Hamburg? Que empresa é essa?

— É uma parte da "fábrica" de livros, Laurinha — brincou Aurélio.

Os olhinhos de Laurinha brilharam: o seu plano parecia possível! Olhou de lado. O Anjinho estava maior ainda. Já estava quase do tamanho do Aurélio!

— Você pode me dizer onde fica essa gráfica?

— Posso — disse Aurélio, estendendo um cartão para Laurinha. — Este é o endereço da gráfica. Se você for lá, fale com o Wilson. E um amigo meu...

— Obrigada, Aurélio!

E a menina deu uma beijoca no rosto do gerente da fábrica de papel. Em seguida, aceitou a carona que o gerente Aurélio lhe oferecia e foi levada para casa.

O Anjinho, que já estava quase do tamanho da porta, entrou na casa de Laurinha como que por mágica, e ouviu junto *com* ela a pequena bronca da mãe pelo atraso da menina.

Naquele fim de tarde, Laurinha mal pôde concentrar-se nos estudos. No dia seguinte, sua idéia ia ser posta em prática. Adriano que se preparasse!

Antes de apagar a luz para dormir, Laurinha deu mais uma olhada no Anjinho. Anjinho! Estava enorme! Ninguém tinha notado sua presença, como o próprio Anjinho dissera. Ele pouco falara, enquanto a menina estivera ocupada primeiro com a fábrica de papel e depois com as lições. Mas parecia feliz!

— Boa noite, Anjinho!

— Boa noite, Laurinha...

Para pegar no sono, a menina imaginou mais alguns detalhes sobre a "grande" idéia. No escuro, ela não percebeu que o Anjinho crescia mais um pouco...

3

A fábrica de livros

DEPOIS de uma manhã de aulas, Laurinha telefonou para casa dizendo que ia almoçar na casa de uma amiga e teve de pegar dois ônibus até chegar à Gráfica Editora Hamburg. O Anjinho, que àquela altura já era um Anjão, viajou no teto do ônibus.

— Como fica longe essa fábrica de livros! — reclamou Laurinha, ao chegar ao endereço que procurava.

Junto com ela, estava chegando um caminhão da fábrica de papel. Aurélio tinha cumprido direitinho a promessa que fizera à menina: os pacotes de folhas de papel que estavam sendo descarregados tinham as iniciais A e L marcadas com tinta vermelha.

A indicação de Aurélio funcionou: logo que disse quem a enviara ali, Laurinha foi levada por uma simpática secretária ao andar superior dos escritórios da Gráfica Editora Hamburg.

— Boa tarde, Laurinha — cumprimentou um homem de cabelos já bem grisalhos, sentado atrás de uma mesa. — O Aurélio acaba de me telefonar, anunciando que você viria até aqui. Só não me disse o que você queria de mim...

Laurinha aceitou a cadeira que lhe apontava Wilson (pois era Wilson o homem de cabelos grisalhos), recusou o cafezinho e aceitou um refrigerante. Na verdade, a menina estava morta de fome, pois deixara de almoçar para continuar com seu plano.

Tomou só um golinho do refrigerante e foi direto ao ponto:

— Seu Wilson, eu quero que o senhor fabrique um livro para mim. E o livro tem de ser fabricado com o papel que o senhor acaba de receber!

Wilson acendeu seu cachimbo calmamente. Tirou uma baforada e olhou sorridente para a menina:

— Um livro? E por que com o papel que eu acabei de receber? Você quer dizer "com o mesmo tipo" de papel que eu acabei de receber, não é?

— Não, seu Wilson! - exigiu teimosamente a menina. — Tem de ser com *as mesmas folhas* que o senhor acabou de receber!

— Com as mesmas folhas? Por que isso?

— E que essas folhas foram fabricadas com o meucalipto!

Wilson quase se engasgou com a baforada que ia tirando do cachimbo:

— Com o seu o quê?!

— Com o *meucalipto*. É uma história meio complicada. Vai precisar de um livro inteirinho para contá-la. E este livro que eu quero que o senhor fabrique. Vai se chamar "O primeiro amor de Laurinha"...

— Hum... bom nome, para um livro! — comentou Wilson. — Você está com o original aí?

— Original? Que original?

— O texto do livro, ora! Laurinha ficou meio sem jeito:

— Mas eu não tenho nenhum texto comigo, seu Wilson. Eu quero que o senhor fabrique o livro todinho! Afinal, isto não é uma fábrica de livros?

— Fábrica de livros? Isto não existe!

— Como *não existe*? E quem é que fabrica os livros?

— Ah, ah, ah, isto é um mistério, Laurinha! Um mistério que você vai ter de desvendar sozinha!

A menina desanimou:

— Ai, quanto mistério! Eu já tinha de resolver o mistério do Anjinho. Agora, é o mistério da fábrica de livros!

— Mistério do Anjinho? Que história é essa?

— Deixe pra lá, seu Wilson! Isso faz parte da minha história. É um danado de um mistério que eu não consigo imaginar uma solução!

O Anjinho fez bico, e encolheu um bom pedaço.

Wilson recostou-se na cadeira giratória e sorriu:

— Olhe, Laurinha, vou contar para você o começo do mistério da fábrica de livros. Aqui, eu tenho uma editora e uma gráfica. Ninguém pode "fabricar" um livro sem uma editora e uma gráfica. Mas isto não basta. Para que eu possa editar e imprimir "O primeiro amor de Laurinha", é preciso muitas coisas mais. Para começar, é preciso um texto. E, para escrever um texto, é preciso um Autor!

A menina olhou de lado para o Anjinho. Ele diminuiu de tamanho novamente, a olhos vistos!

Laurinha ficou sem saber o que fazer.

— Mas... eu não sei escrever um livro... Pensei que o senhor...

— Eu também não escrevo livros, Laurinha. Se você também não escreve, então é melhor levar a sua idéia para um Autor.

Laurinha abaixou a cabeça, fazendo biquinho.

— Ora, Laurinha, não precisa ficar triste! Eu posso apresentar você a um Autor...

— Pode? — animou-se Laurinha. — E ele escreverá o meu livro?

— Não sei. Apresente o seu projeto a ele. Se o projeto for bom, estou certo que ele vai adorar escrever o seu livro. Depois de pronto, traga-o aqui.

— Trazer quem? O escritor?

— Não, Laurinha, o texto! Se eu gostar dele, posso publicá-lo pela minha editora...

4

Um autor para o livro de Laurinha

QUEM PASSASSE pela rua em frente à gráfica de onde Laurinha tinha saído, haveria de espantar-se ao ver uma menina falando sozinha. Mas Laurinha nem estava preocupada com o que pensassem os outros:

— Afinal de contas, Anjinho, que é você?

O Anjinho ainda tinha a mesma cara de bebê-anjo, mas estava ainda maior que Laurinha, embora tivesse encolhido bastante na visita à gráfica.

— Já lhe disse, Laurinha: eu não posso contar. Você é que tem de adivinhar!

— A única coisa que eu posso adivinhar é que você é o raio de um Anjinho que cresce e encolhe como se fosse uma sanfona!

— Então descubra *porque* eu cresço e encolho, oras!

— Agora não tenho tempo para perder com você, Anjinho. Tenho de encontrar o tal escritor para o meu livro!

Foram precisos mais dois ônibus até Laurinha chegar à casa do escritor.

Era um escritor meio gordinho, de bigode, que já tinha-recebido um telefonema do Wilson, enquanto a menina vinha até ele.

— Oi, Laurinha! Entre!

A menina entrou e o Anjinho entrou atrás. O nome daquele escritor, como informara o dono da Gráfica, era Pedro. Apontou uma poltrona para a menina e sentou-se em outra, com aquele ar de escritor que Laurinha achava que todos os escritores devem ter.

— Todo mundo telefona antes de eu chegar! — reclamou a menina. — Aposto que o seu Wilson já lhe contou tudo, não é?

— O Wilson não me contou nada, Laurinha. Só o seu nome. Ele disse apenas que você tinha um grande projeto e uma porção de mistérios a resolver...

— Nem me fale! — suspirou Laurinha. — O caso é que eu quero que o senhor...

— Pode me chamar de você...

— ... que você escreva um livro para mim!

— Um livro? Falou com a pessoa certa. Que tipo de livro você quer que eu escreva, Laurinha?

A menina contou tudo que vinha acontecendo com ela. Falou do seucalipto e do livro "O primeiro amor de Laurinha", que ela queria que Pedro escrevesse. Falou de sua idéia, com toda a emoção que lhe ocupava todos os sentidos, todos os pensamentos.

No final da narrativa, Pedro ficou um momento em silêncio, com os olhos baixos. Seu lábio inferior tremeu, e Laurinha viu uma lágrima surgir-lhe na pálpebra e escorrer até o bigode. Não se envergonhou de ter-se emocionado, porque qualquer escritor vive de emoções.

— A idéia é muito boa, Laurinha. Pode deixar que eu a escreverei para você. Estou agora no meio de um livro mas, logo que eu terminar, daqui a uns três meses, prometo que vou pensar na sua história. É uma história linda...

A menina pulou da poltrona:

— Três meses?! Isso é nunca para mim! Eu quero esse livro pronto já!

O escritor fez novamente aquela cara de escritor que parecia dizer "essa menina não entende de nada", e falou pausadamente, como se explicasse alguma coisa a um analfabeto:

— Laurinha, um livro não se escreve assim, sem mais nem menos. E preciso uma inspiração, uma idéia especial que vem de repente, sem aviso...

— Você já tem essa idéia, com aviso e tudo. Eu acabei de lhe

dar a idéia!

— Isso não basta, Laurinha. Você apenas me sugeriu um tema. Agora, eu preciso de tempo para transformá-lo em inspiração. E inspiração é uma coisa difícil de aparecer. É como procurar uma borboleta rara em uma floresta. E preciso percorrer a floresta, afastar os galhos caídos, dar voltas, penetrar nos cantos secretos, nunca antes pisados pela imaginação humana. Inspiração é isso: uma viagem pelo labirinto da imaginação do próprio autor. E quantas vezes a gente se perde neste labirinto...

Laurinha ouviu toda aquela baboseira com impaciência. Aquele escritorzinho de bigode estava querendo enrolá-la.

— Você não precisa de floresta nenhuma, pois já tem o meu bosque. E não precisa dar voltas no meu bosque, pois eu conheço o meu bosque como a palma da mão. Você só precisa ir escrevendo tudo o



O texto de um livro é fornecido à editora em folhas datilografadas a máquina.

que eu lhe disser com jeito de escritor. A tal de inspiração é minha!

O escritor suspirou. Quem podia com a inspiração teimosa daquela menina?

— Está bem, Laurinha. Vou lhe mostrar como você está errada — sentou-se à frente da máquina de escrever e colocou um papel branquinho nela. — Pode começar. Você vai ver como não sai nada que preste.

Laurinha olhou para o escritor, depois para o Anjinho. Suspirou e começou a falar. E falou. Falou sem parar, sem tomar fôlego, como um rio de corredeiras que não pára jamais.

E o escritor escreveu. Escreveu como se estivesse hipnotizado pela narrativa da menina, datilografando com uma velocidade que ele nunca conseguira antes. Folha após folha, a história de Laurinha ia passando para o papel, e o escritor ia conseguindo ajeitar a história "com jeito de escritor", quase sem pensar, como se a imaginação de Laurinha fosse a sua própria imaginação.

Enquanto isso, assistindo a tudo, o Anjinho crescia.

Quando a menina ditou "ponto final", os dois ficaram imóveis por um longo momento, olhando como palermas para as folhas datilografadas.

— Puxa! — admirou-se o escritor após a longa pausa. — Nunca escrevi um livro tão rápido! E a história está linda, Laurinha! Que história! Há muito tempo eu não tenho uma história como esta para contar!

A menina ajuntou todas as folhas e perguntou:

— Está pronta? Então vou levar para o Wilson. Ele prometeu que, se gostasse, ele faria o meu livro!

O escritor levantou-se, ainda admirado com tudo o que estava acontecendo e, visivelmente emocionado, procurou ajudar a menina:

— Para ganhar tempo, Laurinha, você poderia ir com o desenho da capa e com as ilustrações do livro prontas. Você quer uma capa bonita e lindas ilustrações no seu livro, não quer?

— E claro que eu quero! Você faz pra mim?

— Não é o meu ramo, Laurinha. Mas eu tenho um amigo que pode fazer um lindo trabalho para você. O nome dele é Roberto...

Uma história toda ilustrada

QUANDO Laurinha chegou à casa de Roberto, o Anjinho ficou do lado de fora. Já não cabia mais em casa nenhuma.

O ilustrador recebeu a menina com muita alegria: Pedro já havia telefonado e ele já esperava a menina.

— Entre, Laurinha — convidou Roberto que abrira a porta com um bebezinho no colo. — Desculpe o mau jeito, mas é que minha esposa saiu e eu tive de ficar cuidando do bebê...

— Boa tarde, Roberto — cumprimentou Laurinha. — Eu que lhe peço desculpas, pois estou com uma pressa danada. Tenho de voltar para casa antes do jantar para escapar da bronca. Por isso, eu queria que você fizesse as ilustrações do meu livro bem depressinha...

O pobre do ilustrador arregalou os olhos:

— Como? É impossível ilustrar todo um livro e fazer a capa em tão pouco tempo!

A menina suspirou novamente:

— Ai, ai, ai! Não me diga que *you* também precisa esperar a tal da inspiração, como o escritor!

— Ai, ai, ai, eu bem que gostaria, Laurinha! — suspirou Roberto. — Mas nós, os ilustradores, nunca podemos nos dar a esse luxo. Sempre nos pedem os trabalhos para daqui a pouco... Se eu fosse esperar pela inspiração, acho que minha família acabaria pedindo esmola! Por isso, estou acostumado a fazer o impossível. Mas o que você quer é um milagre. E milagre demora um pouquinho mais...

Laurinha olhou pela janela e pediu:

— Anjinho, me dê a mão!



O ilustrador pode fornecer os desenhos que sairão em um livro usando tinta guache, pastel, tinta a óleo, tinta nanquim e até lápis de cor.

Pela janela, só a menina viu a gorducha mãozona do Anjinho e agarrou-a, bem apertado.

— Com quem você está falando, Laurinha?

— Não ligue, Roberto. Deixe que eu seguro o nenê. Pegue suas tintas e vá fazendo o que eu disser.

Assim, com um bebê num dos braços e segurando a mãozona do Anjinho com a outra mão, Laurinha começou a explicar para Roberto que tipo de desenhos ela queria.

Aquela menina era metida demais! Mas Roberto achou melhor não discutir. Sentou-se à prancheta e começou a desenhar, a pintar, com uma velocidade incrível, até mesmo para um ilustrador brasileiro.

Laurinha imaginou ótimas idéias para lindos desenhos. Palpitou em tudo, pediu muito colorido e, a cada desenho que ficava pronto, mais a mão do Anjinho crescia...

No colo de Laurinha, o filhinho de Roberto dormia...

6

De volta à fábrica de livros

NA OUTRA MANHÃ, ao sair para o colégio, Laurinha disse à mãe que almoçaria na casa de uma amiga para estudar com ela durante a tarde. Era apenas uma mentirinha, mas de menores conseqüências do que se ela contasse a verdade maluca de tudo que ela estava aprontando. Na sacola, levava um pacote com o texto e as ilustrações do seu livro, além de duas maçãs para o almoço, pois não queria ficar de barriga vazia, como no dia anterior.

No colégio, procurou fugir de Adriano e fez de tudo para não demonstrar nem um pouco da sua afobação.

Depois das aulas, comeu as duas maçãs no primeiro ônibus e, depois do segundo, estava de volta à Gráfica Editora Hamburg. O Anjinho já estava tão grande, àquela altura, que nem precisou viajar em cima do ônibus: com apenas algumas passadas, chegou junto com Laurinha.

Wilson recebeu a menina com surpresa:

— Já de volta, Laurinha? O que foi? O danado do Pedro não quis escrever a sua história?

— Quis e escreveu, Wilson! — riu-se a menina, desembulhando o precioso pacote. — Aqui está tudo direitinho! E está até ilustrado! O Pedro me mandou na casa do Roberto e o Roberto fez todos estes desenhos. Não estão lindos?

Wilson examinou todo aquele material com um ar de incredulidade. Como aquela menina tinha conseguido tudo aquilo, em tão pouco tempo? O livro não era longo mas, mesmo assim, levaria várias semanas até ficar pronto.

Sentou-se e examinou cuidadosamente as ilustrações e o desenho da capa. Depois, leu cuidadosamente o texto do livro. A cada página que virava, parecia que a história de Laurinha mais o emocionava. Quando terminou, ergueu os olhos para Laurinha e falou, com um nó na garganta:

— Ah, você me fez lembrar de tanta coisa, Laurinha... tanta coisa boa... tanta coisa boa que eu já tinha esquecido, ou não achava tempo para me lembrar mais... Como você conseguiu...

— Não importa, Wilson! — interrompeu a menina, aflitíssima. — Você vai ou não vai fazer o livro?

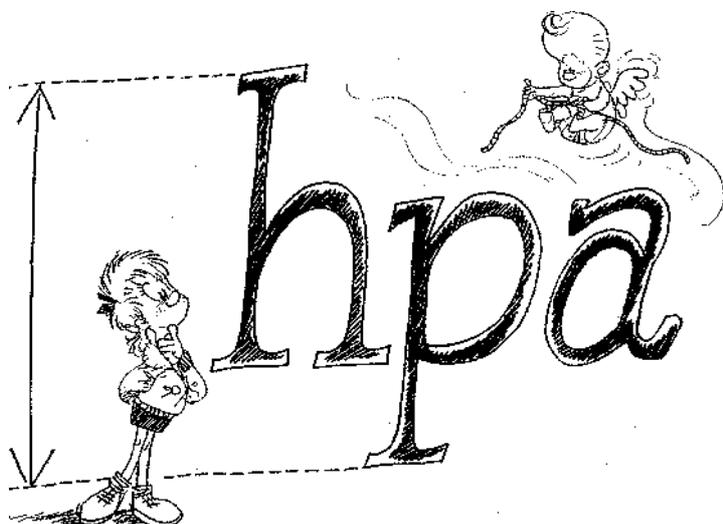
— É claro que vou, Laurinha!

*

O próximo passo era com o Rubens, um velho alto e de voz grossa, que passara a vida inteira fazendo livros. Ele trabalhava com o Wilson e reclamava o tempo todo.

— Não ligue, Laurinha — explicou Wilson. — O velho é assim mesmo. Reclama, reclama, mas não há ninguém melhor do que ele neste ramo!

Rubens folheou as páginas datilografadas e voltou-se para a menina:



O número de pontos de um tipo é calculado medindo-o desde o alto da letra mais alta até o fim das letras que têm "perninhas".

— Bom, em primeiro lugar, é preciso fazer uma revisão do texto, para corrigir todos os erros que...

A menina não entendeu:

— Erros? Quer dizer que aquele escritor é um analfabeto que não sabe escrever Português direito?

— Não é bem assim, Laurinha. Qualquer escritor pode cometer pequenos erros, por distração, e sempre erra um pouquinho na datilografia...

O texto não era longo e, por isso, a revisora que foi chamada não demorou muito para corrigir meia dúzia de erros que o escritor tinha cometido. A revisora veio trazer o texto corrigido e saiu, fungando e enxugando os olhos.

— Agora. Laurinha — explicou Rubens —, nós vamos fazer a *produção* do seu livro.

— Produção? O que é isso?

— Vamos escolher que formato o livro vai ter, qual a largura e qual a altura do texto que vai em cada página.

— Sei. Deve ficar sempre uma margem em branco em volta de tudo que está escrito numa página, não é?

— Isso! — concordou Rubens, anotando a largura das linhas que seriam impressas no livro de Laurinha. — Depois, nós vamos escolher o *tipo* para as letras do livro. *Tipo* é o "jeitão", o estilo com que as letras foram desenhadas. Neste catálogo aqui há *tipos* de todo jeito. O que você acha deste?

A menina viu, no tal catálogo, as letras que Rubens apontava.

— Parece bom...

— Também acho! Então vamos marcar este tipo. O nome que usamos para ele é Garamond.

E escreveu, no alto da primeira página datilografada pelo escritor, a palavra Garamond.



Para um caderno de 16 páginas, uma folha é dobrada três vezes.

— É preciso agora escolher de que tamanho vão ser as letras do seu livro. Em vez de tamanho, a gente diz "corpo" da letra. Para o seu livro, vamos usar o "corpo 12".

— Por que 12?

— Esse número é unia medida. Convencionou-se chamar de "ponto" à menor unidade gráfica. É um pinguinho, como um ponto mesmo. Uma letra em corpo 12, por exemplo, significa que eu quero que haja 12 pinguinhos ou pontos de altura desde o alto do bracinho do "h" minúsculo, até a ponta da perninha do "p" minúsculo. É preciso também anotar no original que se vai mandar para a composição qual o espaço que a gente quer entre as linhas. No caso do seu livro, vamos usar o "corpo 12" em um espaço de 13 pontos de altura.

E Rubens anotou, a lápis, no alto do texto, "Garamond 12/13". Isto queria dizer que ele queria o "tipo" Garamond em "corpo 12", dentro de um espaço um pouquinho maior, de 13 pontos.

— Com esse pontinho a mais, mesmo que você não note, você vai ter uma leitura melhor do texto. Agora que nós já sabemos como vai estar o texto depois de composto e, já que temos as ilustrações prontas, vamos calcular quantas páginas terá o seu livro, Laurinha.

Rubens mediu, fez uns cálculos, e concluiu que o livro ficaria ótimo com 86 páginas, fora a capa, que seria feita em outro papel, mais grosso.

— É isso, Laurinha, seu livro vai ter 88 páginas!

— Por que 88? Seu cálculo não tinha dado 86?

— Sou obrigado a deixar duas páginas em branco no final do livro, Laurinha, porque é impossível fazer um livro bem feito com 86 páginas.

— Impossível? Por quê?

Rubens estendeu uma folha de papel para a menina.

— Pegue esta folha, Laurinha. Agora, dobre no meio.

Com quantas páginas você ficou? Quatro, não é? Agora dobre de novo no meio. São 8 páginas. Dobre de novo, e você terá 16 páginas. A isso, nós chamamos "um caderno". Normalmente, os cadernos devem ter 16 páginas. Usa-se também cadernos de 8 e até de 4 páginas. Desse modo, um livro só pode ter um número de páginas que seja divisível, no mínimo, por 4. No seu caso, 88 dividido por 16, dá 5 e sobram 8 páginas. Isto quer dizer que seu livro vai ter "5 cadernos" de 16 páginas e "um caderno" de 8 páginas. O número 86 não é divisível por 4, sem deixar resto, é?

Laurinha fez a conta e concordou.

— Muito bem, Laurinha, seu livro já está revisado e "produzido". Agora ele deve ser levado para fotocomposição.

A menina não entendeu o que seria aquilo, mas não perguntou. Ela sabia que logo acabaria descobrindo mais aquele segredo do grande mistério da fábrica de livros...

As letras do computador

WILSON estava com tempo naquela tarde e levou ele mesmo os originais do livro de Laurinha para a "fábrica de textos", a empresa que fazia a tal "fotocomposição". E a menina? Foi junto, é lógico!

O dono daquela empresa era o Affonso. Affonso, com dois "éfes" e tudo. Faltavam-lhe muitos cabelos na cabeça, mas não lhe faltava alegria. Affonso achou uma farra toda a aventura de Laurinha.

— Neste ponto, menina, você vai ver a parte mais importante de todo o processo gráfico!

— Mais importante coisa nenhuma! — protestou Wilson. — O mais importante é a impressão!

Laurinha ficou pensando que era ótimo que o Aurélio, o Pedro, o Rubens e o Roberto não estivessem ali. Do contrário, haveria uma briga enorme, cada um achando que a sua parte era a mais importante.

A sala onde era feita a "fotocomposição" estava cheia de máquinas de escrever e aparelhos de televisão.

— Está vendo, Laurinha? — explicou Affonso. — Hoje é assim que são compostos os textos. Em computadores!

— Isso são computadores?

— Cada teclado destes é um terminal de computador. Cada pessoa que está à frente de cada um destes teclados está "compondo" um texto diferente. Antigamente, isso era feito com as letras em alto relevo, como carimbos. Era o tempo da impressão "tipográfica". Imprimir qualquer coisa naquele tempo era o mesmo que carimbar as folhas de papel. Agora, basta informar ao computador qual o tipo, o

corpo, a largura e o espaçamento entre linhas que você quer e datilografar todo o texto no teclado, como numa máquina de escrever!



Um rapaz, que escrevia rapidíssimo naqueles teclados, copiou todo o texto do livro de Laurinha. Procurou não demonstrar, mas todos notaram que o rapaz se emocionava, a cada nova página que passava para a memória do computador.

A menina viu as letras na tela do monitor do computador e estranhou:

— Ué! As letras não estão com aquele desenho do tipo Garamond que o Rubens escolheu!

— Ainda não, Laurinha — explicou Affonso. — Quando tudo estiver pronto, o computador dará uma cópia de todo o texto em papel, e você verá.

Lá, na barriguinha do computador, devia estar tudo pronto pois, em poucos minutos, o computador forneceu várias páginas, com todo o texto do livro de Laurinha, com o tipo chamado Garamond e com o tamanho que Rubens havia pedido. Parecia mágica!

Livro tira retrato?

DE VOLTA à Gráfica Hamburg, Rubens pegou todos os papéis com o texto do livro de Laurinha já composto do jeito que ele pedira e colou-os em folhas de cartolina do tamanho de um livro aberto. Colou tudo muito direitinho, em 44 cartolinas como aquela, com duas páginas do livro para cada cartolina. Ficaram muitos espaços sem texto e Laurinha quis saber o porquê daquilo.

— Estas são as áreas que nós reservamos para as ilustrações que o Roberto fez para você, Laurinha...

— E como é que isto tudo vira um livro?

— Ainda não vira — explicou Wilson. — Primeiro é preciso levar estas folhas de cartolina, o desenho da capa e as ilustrações do Roberto para fazer fotolitos!

— Fotolitos?

— É! Uma espécie de fotografia em celulóide transparente!

— Fotografia? E livro tira retrato?

*

Quando Laurinha chegou com Wilson na "fábrica de fotolitos", o homem que os recebeu chamava-se Genésio e riu muito quando a menina lhe contou toda a história:

— Oh, oh! Desse jeito eu vou ter de caprichar muito nos fotolitos do seu livro!

— Vai ter mesmo! — exigiu Laurinha, muito sem cerimônia. — Quero ver tudo, tim-tim por tim-tim!

Genésio cocou a cabeça:

— Bem... não vai dar muito para *ver* o fotolito sendo feito. Hoje em dia tudo é feito dentro de máquinas e a gente não vê quase nada. Mas eu vou lhe explicar direitinho tudo o que as máquinas estão fazendo.

No livro de Laurinha, um dos seis "cadernos" só tinha desenhos coloridos. Genésio pegou uma revista e apontou a capa para Laurinha:

— Olhe bem para esta capa e me diga quantas cores você vê aí...

Laurinha tinha uma ótima vista e examinou cuidadosamente a capa da revista.

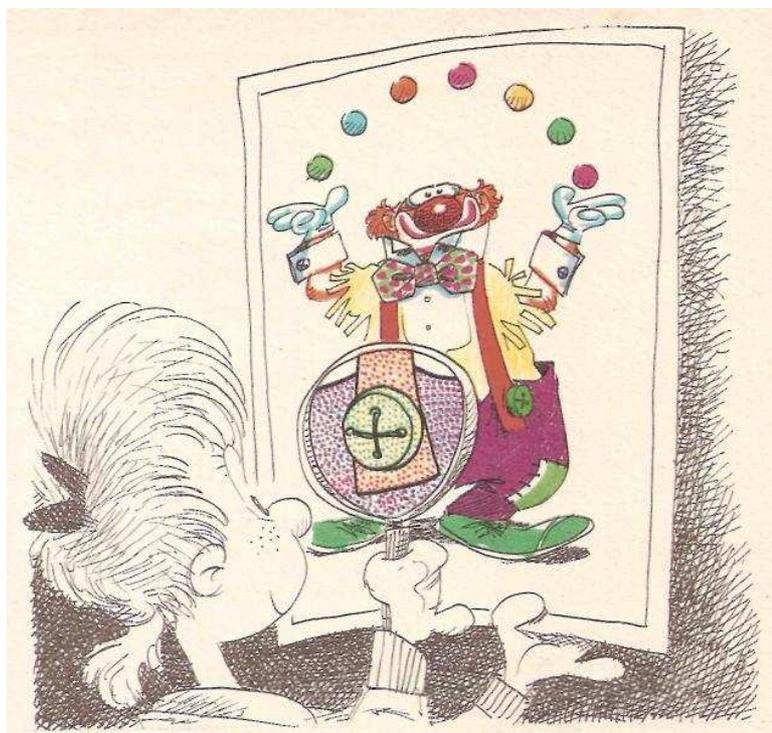
— Tem vermelho, lilás, laranja, amarelo, marrom, preto, cinza, azul claro, azul escuro, cor-de-maravilha, outro vermelho mais claro...

A menina foi contando nos dedos e concluiu:

— São dezessete cores!

Genésio olhou de lado para o Wilson e os dois riram:

— Que nada, Laurinha! Tem só quatro cores!



O colorido de um desenho é formado apenas por pequenos pontos nas cores preta, amarela, vermelho-magenta e azul-ciano. Como os pontos são muito pequenos, eles se misturam aos nossos olhos, dando a sensação perfeita de colorido.

— Só quatro? Ora, que absurdo! Eu enxerguei...

— Seus olhos a enganaram, Laurinha. Pegue esta lente e examine o desenho colorido da capa bem de perto.

A menina debruçou-se sobre a capa da revista e viu muito claramente uma porção de pontinhos coloridos, um do lado do outro.

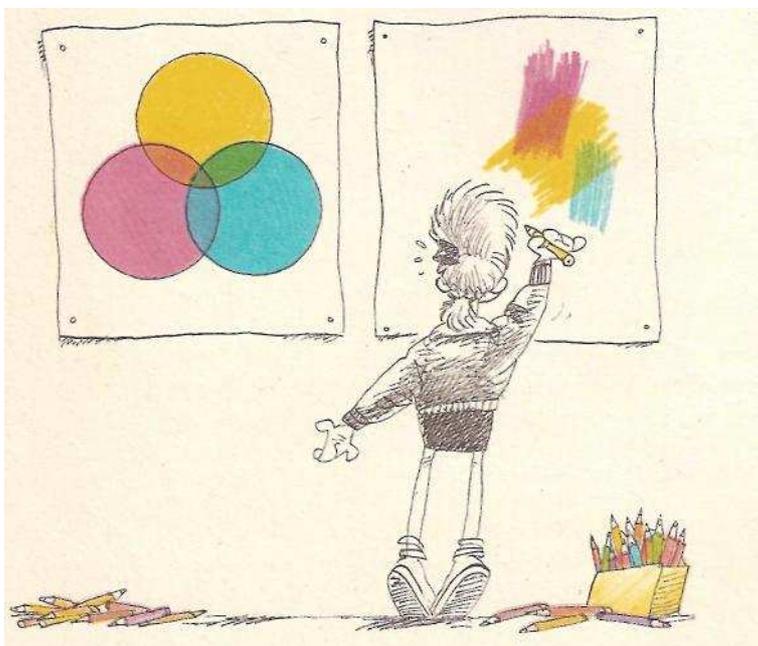
— Você está vendo pontos de apenas quatro cores, não é, Laurinha? — perguntou Gênésio.

— Eééé... tem amarelo, azul, vermelho... e preto...

— Viu? Como estes pontos coloridos são muito pequenos e estão juntinhos, olhando sem uma lente a gente vê os pontinhos misturados um ao outro. Um ponto amarelo e um ponto azul, um ao lado do outro, misturam-se aos nossos olhos e dá a impressão que a gente está vendo a cor verde.

Gênésio ofereceu uma caixa de lápis de cor e uma folha de papel para a menina:

— Pegue o lápis azul e o lápis amarelo, Laurinha. Agora faça um rabisco do azul sobre um rabisco do amarelo. Dá verde, não dá?



Pode-se obter todas as cores que se quiser combinando-se apenas o amarelo, o azul-ciano e o vermelho-magenta. O preto, como se vê na parte central, seria o resultado da sobreposição das três cores básicas. Mas, devido a impureza das tintas que se usa, o

resultado, na prática, dá apenas um tipo de castanho-escuro. Por isso, na impressão, é preciso usar o preto como uma quarta cor.

— É claro! — afirmou a menina que gostava muito de desenhar.
— Assim como o amarelo sobre o vermelho dá cor-de-laranja...

— Isso mesmo! O que acontece com as cores dos seus lápis, quando você desenha, é o mesmo que acontece com as cores das tintas na hora da impressão. Basta que a gente use a tinta amarela, uma tinta vermelho-fosco que a gente chama de "magenta", uma tinta azul que a gente chama de "ciano" e tinta preta.

— E o branco?

— Ora, o branco é a cor do papel que aparece nas áreas onde a gente não imprime!

Só quatro cores dava todo aquele efeito! A menina estava assombrada:

— Por essa eu não esperava, Genésio! Mas como é possível pegar um desenho feito com tintas de todas as cores e imprimir só com tintas de quatro cores?

Genésio tomou fôlego e começou:

— Bom, agora eu vou explicar direitinho todo o processo. O que eu faço nesta fábrica são os chamados "fotolitos". Este é o nome que se dá para as matrizes do processo de impressão que se chama...

— Off set! — cortou Wilson, porque aquilo de impressão era a sua parte. — E um tipo de impressão que não se traduz. Se fôssemos traduzir "off set", daria algo como "decalque". É um tipo de impressão em que se "decalca", sobre folhas de papel, uma matriz que recebeu tinta. Depois, quando voltarmos para a gráfica, eu lhe mostro como isso acontece.

— Para imprimir em off set — continuou Genésio —, é preciso transformar os desenhos coloridos em quatro matrizes com as quatro cores, que misturadas, reproduzirão direitinho todas as cores que o desenhista usou. Além disso, é preciso que todos os traços do pincel do desenhista sejam transformados nos pontinhos que você viu com a lente quando examinou a capa da revista que eu lhe mostrei.

Separar todas as cores e transformá-las só em quatro! Transformar todos os traços em pontinhos! A menina estava de boca

aberta!

— Veja isto, Laurinha!

Genésio mostrou para a menina uma folha de celulóide transparente. Era de um azul fortíssimo.

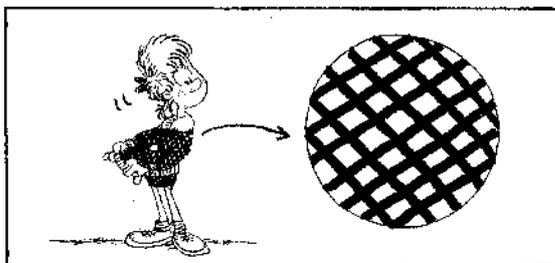
— Isto é um filtro violeta. Para dar esta cor, aqui há o vermelho-magenta e o azul-ciano. Se colocarmos *esse* filtro na frente de um desenho colorido e o fotografarmos, o filme da máquina de fotografia só vai revelar o amarelo, porque o azul-ciano e o vermelho-magenta foram anulados pelo filtro violeta...

Pegou outro celulóide. Desta vez era verde.

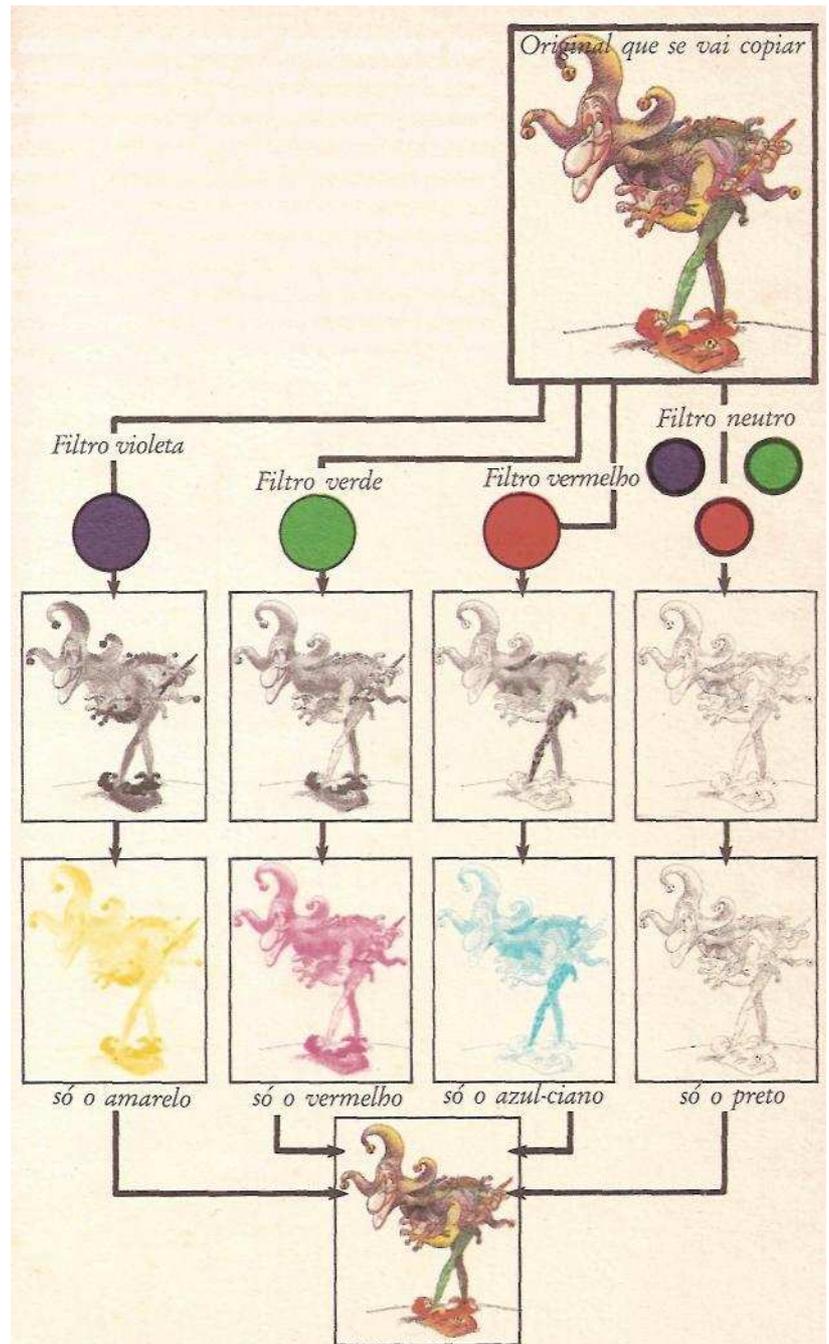
— Como você sabe, o verde é composto das cores azul e amarela. Fotografando com este filtro, eliminamos estas duas cores e sobra só o vermelho-magenta. Com um filtro vermelho, que tem as cores vermelho-magenta e amarela, eliminamos estas duas e sobra só o azul-ciano!

— Muito bem — interrompeu Laurinha. — E o preto?

— O preto se consegue com um filtro neutro, que contém as cores azul-ciano, vermelho-magenta e amarelo. Fotografando com este filtro sobra só o preto, que vai dar os detalhes e os contornos das ilustrações ou das fotografias que se quer imprimir.



As cores são "selecionadas" fotografando-se quatro vezes o desenho ou a foto colorida original. A cada vez, usa-se um filtro diferente: o filtro violeta elimina o azul-ciano e o vermelho-magenta e separa só o amarelo; o filtro vermelho elimina o vermelho-magenta e o amarelo e separa só o azul-ciano; o filtro verde elimina o azul-ciano e o amarelo e separa só o vermelho-magenta; e o filtro neutro, que é a combinação das três cores básicas, elimina o vermelho-magenta, o azul-ciano e o amarelo, deixando restar apenas os contornos e os detalhes em preto.



Imprimindo-se as quatro cores, uma depois da outra, consegue-se reproduzir perfeitamente o desenho original.

— E cada cor sai assim separada e já em pontinhos?

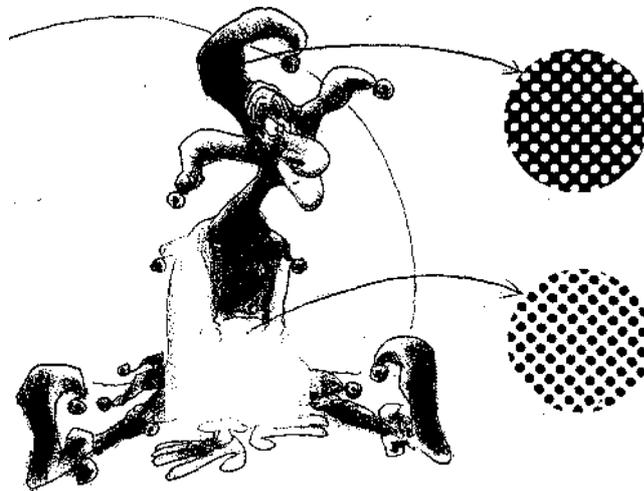
— Para que tudo seja transformado em pontinhos, além dos filtros de cor, a gente coloca outro celulóide, como este, na frente do que se vai fotografar...

Laurinha viu uma folha de celulóide com uma tela pintada em preto.

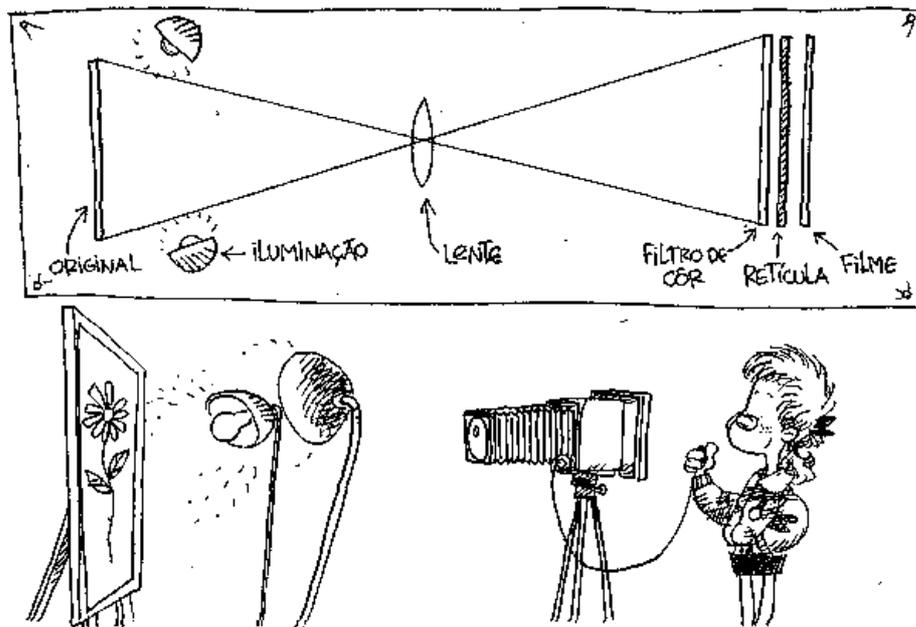
— Através dos pontos desta tela fotografa-se o original. Veja de perto, com a lente, Laurinha. Note que esta "trama" tem pontinhos redondos. Pode-se usar também pontinhos quadrados e até em forma de elipse, conforme o tipo de fotolito que se quer. Essa trama de pontinhos é chamada de "retícula".

— E como é que se faz um fotolito do resto do meu livro que não tem desenhos coloridos?

— A maior parte do seu livro só tem o preto do texto e dos desenhos. Nesse caso, é só fotografar com filme preto e branco na máquina.



Olhando-se com uma lente, nota-se os pontos que foram usados para uma impressão em off-set. Nas áreas mais escuras, nota-se que os pontos estão mais unidos.



A imagem iluminada do original passa pela lente da máquina e, passando também através de um filtro de cor e de uma retícula, vai "queimar" o filme, como em uma fotografia comum.

— Preto e branco... — raciocinou Laurinha. — É o preto da tinta preta e o branco do papel não é? Agora eu quero ver como ficam os fotolitos prontos!

Em pouco tempo, todos os fotolitos do livro de Laurinha foram entregues por um funcionário ao Genésio, que colocou os quatro correspondentes à capa do livro sobre uma mesa com tampo de vidro que tinha luz por baixo. Genésio apontou para cada um deles:

— Este é o fotolito do amarelo, este é o do azul-ciano, este é o do preto e este é o do vermelho-magenta...

Laurinha não viu nada daquilo que Genésio dizia. Sobre a mesa de luz, havia apenas quatro celulóides transparentes, com desenhos em preto.

— Não vejo cor alguma, Genésio. Tá tudo preto.

— Vamos levar isso tudo para a gráfica agora, Laurinha — encerrou Wilson. — É a cor das tintas que vai dar o resultado final!

Papéis sujos de tinta

TINHA CHEGADO o grande momento! A partir dali, na Gráfica Hamburg, o livro que Laurinha tinha conseguido com tanto esforço e tanta imaginação começaria a passar para o papel que tinha sido fabricado com as fibras do seucalipto!

Laurinha acariciou os pacotes com o *seu* papel, como se acariciasse o rosto bonito de Adriano. A menina estava cansada, mas a perspectiva de tudo terminar logo a deixava acesa como se tudo estivesse ainda por começar:

— Agora, Wilson, você vai cumprir a promessa que me fez. Vai imprimir o *meu* livro!

— Ainda não, Laurinha. Primeiro, vamos ter de montar estes fotolitos na posição em que vão estar as páginas na hora da impressão — estendeu uma folha comum de papel para a menina — Dobre esta folha no meio, Laurinha...

— A história dos cadernos? — perguntou a menina com um ar de quem já sabe de tudo. — O Rubens já me mostrou isso:

Laurinha dobrou a folha ao meio, depois ao meio de novo e novamente ao meio para obter o "caderno" de 16 páginas.

— Agora pegue um lápis e numere as páginas, de 1 a 16, com números bem grandes...

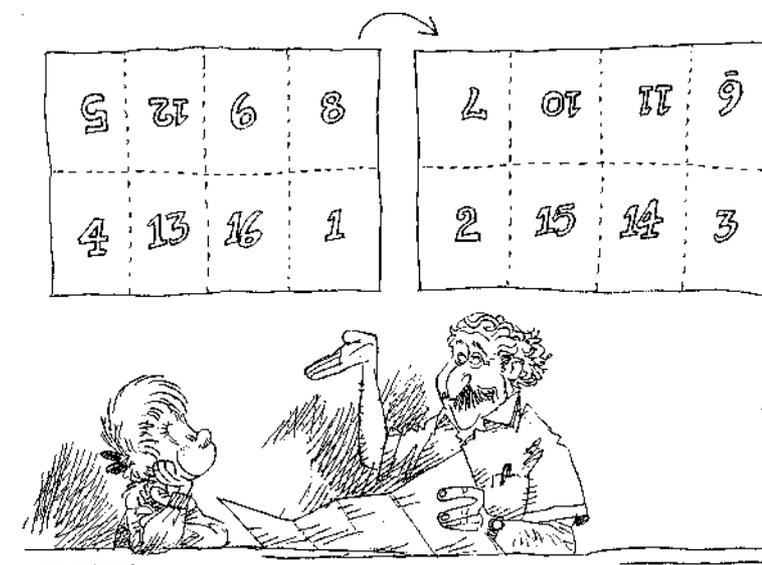
A menina fez o que Wilson lhe dizia, numerando até mesmo as páginas que ficavam escondidas dentro das dobras.

— Agora, Laurinha, desdobre!

A menina desdobrou a folha e percebeu o que Wilson queria lhe mostrar:

— Hum... quer dizer que é preciso montar o fotolito da página 16 ao lado do fotolito da página 1, não é? O da 4 ao lado da 13... e assim por diante!

— Isso, Laurinha! Venha ver como se faz!



Sobre uma mesa com um tampo de vidro com luz embaixo, um homem, o montador, estendeu uma folha grande de celulóide.

— Nós chamamos este celulóide de "astralon" — explicou Wilson.

— Sobre ele, vamos montar os fotolitos de cada página, de modo que eles fiquem na posição que você numerou naquela folha de papel...

O montador foi prendendo cada fotolito na posição com fita adesiva. Nas páginas em "preto e branco", isto é, naquelas em que só se usaria tinta preta, pois o branco já está na cor do papel, ele só colocou um fotolito.

— Já sei, Wilson! — disse a menina com ar de entendida. — Nas páginas que vão ser impressas a quatro cores, vocês colocam os quatro fotolitos, um em cima do outro, não é?

— Nada disso, Laurinha! Precisamos ter uma chapa para cada cor, pois cada uma delas será impressa por sua vez!

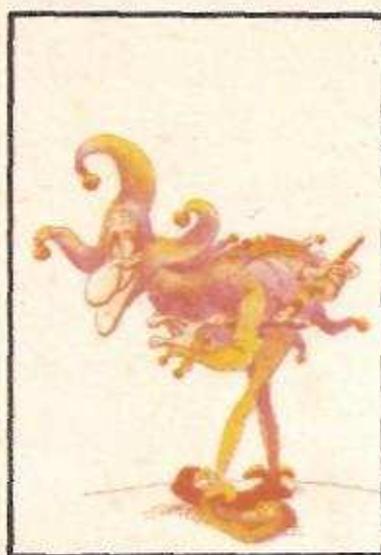
No "astralon" que tinha os textos e que correspondia ao preto do "caderno" a quatro cores, o montador colou somente o fotolito dos desenhos da cor preta.



fotolito do amarelo



fotolito do magenta



amarelo com magenta



fotolito do ciano



ciano com o magenta



ciano com o amarelo



*ciano com o amarelo
e com o magenta*



fotolito do preto



*Impressão com
as quatro cores*

Em três outros "astralons", na posição em que iam os desenhos coloridos, foram afixados o fotolito do amarelo em um, do azul-ciano em outro e do vermelho-magenta no terceiro.

Wilson abriu um envelope grande, onde estava escrito provas .

— Venha ver isto, Laurinha. Quando a empresa do Genésio faz um fotolito, ele fornece uma "prova" para a gente ver se tudo está certinho. É uma prova de impressão. Veja este desenho do Roberto...

Laurinha viu a tal "prova". Cada fotolito, de cada cor, tinha uma prova. Era gozado ver só a parte do amarelo impressa! Quase não dava para perceber nada contra o branco do papel. O desenho também ficava esquisito nas provas com apenas duas das quatro cores. Mas, quando a menina viu a prova com as quatro cores impressas, ficou impressionada:

— Está ótimo! Agora você já pode imprimir o livro inteiro! — exclamou Laurinha, que estava ansiosa demais.

— Tenha calma. — pediu Wilson. — Como estão, os fotolitos não são matrizes de impressão. As matrizes de impressão em off-set são chapas metálicas, geralmente de alumínio. Precisamos gravar estas chapas!

A tal "gravação de chapas" era semelhante a um processo fotográfico. As chapas, do tamanho das folhas desdobradas que iam ser impressas, tinham um tratamento químico que as tornavam sensíveis à luz, tal como um filme de fotografia. Desse modo, as máquinas de gravação de chapa emitiam uma luz fortíssima através dos "astralons" com os fotolitos montados, e tudo o que estava nos fotolitos ficava gravado nas chapas.

Depois foi preciso revelar as chapas como se revela uma fotografia. Wilson explicou que, nesse processo, as chapas eram lavadas e suas imagens seriam fixadas à chapa por produtos químicos especiais.

— Esses produtos químicos recebem bem as tintas, que são gordurosas — explicou Wilson. — Nos lugares da chapa onde não há imagens, isto é, onde o papel deve continuar em branco, não há

produtos químicos. Somente haverá água, durante o processo de impressão. Você sabe que óleo e água não se dão bem, não é? Por isso, nessas áreas, a água repele a tinta gordurosa e fica tudo branquinho.

Tinham sido gravadas 22 chapas, para o livro de Laurinha, que tinha 88 páginas, correspondendo a seis cadernos, mais a capa, em papel diferente e mais grosso. Eram cinco cadernos em preto e branco, com uma chapa para a frente do papel e outra para o verso. Davam dez chapas. Como havia um caderno a quatro cores, só aquele caderno exigia 8 chapas, 4 para cada lado. Aí já davam 18 chapas. Por fim, havia as quatro chapas da capa, que era também a quatro cores. Vinte e duas chapas ao todo! Laurinha tinha aprendido direitinho!

A impressora que Wilson escolheu para imprimir o livro tinha vários cilindros, um rodando sobre o outro.

— Nesta máquina de impressão em offset, a chapa fica no cilindro superior...

As chapas eram flexíveis como uma folha de cartolina. Laurinha viu uma das chapas do *seu* livro ser colocada em um dos cilindros, envolvendo-o todo.

— Neste cilindro, a chapa recebe água e tinta, Laurinha — continuou Wilson. — Mas a tinta não passa imediatamente para o papel. Como você aprendeu, há áreas da chapa que repelem e outras que atraem a tinta. Assim, quando a tinta passa pela chapa, só algumas partes da chapa ficam "suja" de tinta. Desse modo, passam para o cilindro de baixo só as partes que a gente quer imprimir. Este cilindro de baixo é revestido de borracha. E é a tinta que está nesta borracha que vai passar para o papel... *Decalcando* a tinta sobre o papel! Eu não lhe disse que "offset" quer dizer "decalque"?

Wilson apontou para um funcionário que fazia um ajuste na máquina.

— Antes de começar a imprimir, é preciso dizer ao impressor quantas cópias a gente quer que ele imprima...

— Quantas cópias? — repetiu Laurinha. — Eu nem tinha pensado nisso! Deixe ver quantas cópias eu vou precisar... Uma para o

Adriano, outra para mim, uma para a minha professora de Português, uma para a mamãe, uma para a Tia Alzira, outra para a... Bom, acho que é melhor fazer umas cinqüenta cópias do livro...

Wilson deu uma gargalhada:

— Isso é muito pouco, Laurinha! Nem adiantaria ter tanto trabalho só para imprimir cinqüenta exemplares de um livro. Estas máquinas são feitas para rodar milhares de folhas de cada vez. Eu acho que o seu livro é muito bom, e muita gente vai querer lê-lo, você não concorda? Por isso, eu vou imprimir *dez mil exemplares* do seu livro!

— Dez mil cópias iguaizinhas? Tudo isso?

— O seu livro vai ser um sucesso, você vai ver! Todo mundo vai querer comprar! A essa primeira impressão, ou tiragem de dez mil exemplares do seu livro, a gente chama de "primeira edição". Quando todos esses exemplares forem vendidos nas livrarias e a edição se esgotar, aí eu imprimo a segunda edição e assim por diante...

Os pacotes de folhas do papel feito com o eucalipto de Laurinha foram abertos e as folhas foram empilhadas em um dos lados de impressora. E... começou a função!

Era uma máquina esperta demais! Tinha uns bracinhos providos de "chupetas" iguais àquelas que se usa naquelas flechinhas que grudam na parede. As chupetas pegavam uma por uma as folhas de papel do seucalipto e as levavam sincronizadamente para serem impressas. A ponta da folha em branco era "engolida" no meio de dois cilindros e saía do outro lado, toda impressa!

A folha entrava na máquina — chupt! —, recebia a tinta — lépt! — e caía no montinho — pláf!

Chupt, lépt, pláf! Chupt, lépt, pláf! Chupt, lépt, pláf! De olhos arregalados, a menina acompanhava a impressão do seu livro, como se estivesse hipnotizada!

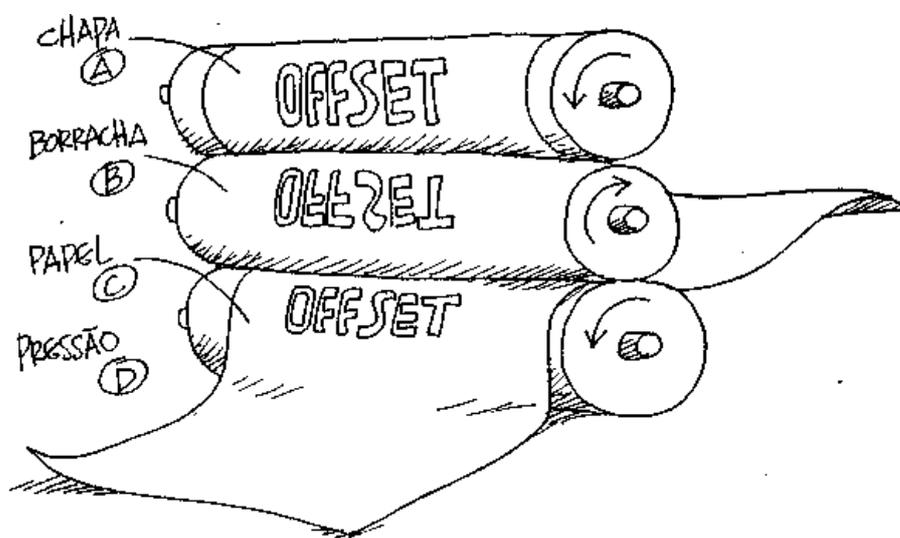
— Está vendo, Laurinha? — riu-se Wilson, acendendo o cachimbo. — É isso o que eu faço aqui: sujo com tinta o papel que chega aqui limpinho!

E as folhas feitas com o eucalipto de Laurinha saíam do outro

lado da máquina e empilhavam-se, maravilhosamente "sujas" com a tinta preta que contava a história do primeiro amor daquela menina que se maravilhava com o que via:

— Grande, Wilson! Que rapidez!

Em pouco tempo, as dez mil cópias de todos os "cadernos" em preto e branco já estavam impressas. Era a hora de imprimir o "caderno" que tinha desenhos coloridos. Um funcionário ajustou direitinho a chapa da cor amarela no cilindro e Wilson explicou que a "tinta" da máquina tinha de ser trocada.



a — Cilindro porta-chapa, onde se prende a chapa de alumínio. A chapa fica úmida de água nas áreas onde não há imagens, e recebe tinta gordurosa nas áreas onde há imagens,

b — Cilindro de borracha, que recebe a tinta que vem do cilindro porta-chapa.

c — O papel passa entre o cilindro de borracha e o cilindro de pressão.

d—O cilindro de pressão fornece o contato ideal entre o papel e o cilindro de borracha.

Foi colocada tinta amarela no recipiente e o "caderno" a quatro cores começou a ser impresso.

Prontas as dez mil cópias do amarelo, as folhas voltaram para o outro lado da impressora e foi colocada a chapa do ciano e a tinta azul-ciano. Depois veio o vermelho-magenta e, por fim, o preto.

— O que aconteceria se você confundisse as tintas e imprimisse o preto no lugar do amarelo, o ciano no lugar do magenta, o amarelo no lugar do ciano e o magenta no lugar do preto?

— Ia dar um resultado surpreendente, Laurinha... Ia até ficar bonito, como uma pintura moderna!

Pronta a impressão dos dez mil cadernos das páginas do livro, que Wilson chamava de "miolo" do livro, chegou a vez de imprimir a capa.

— Se as páginas de dentro do livro são chamadas de "miolo" que nem miolo de pão, você deveria chamar a capa de "casca", Wilson!

As ilustrações que o Roberto tinha feito para a capa do livro estavam lindas. O Rubens tinha colocado as letras do título. Os funcionários buscaram mais alguns pacotes de folhas de papel e empilharam as folhas do lado da impressora. Era um papel mais grosso, uma cartolina. Ali seria impressa a capa de "O primeiro amor de Laurinha"!

Dobra, costura, cola e apronta!

LAURINHA voltou na tarde seguinte à Gráfica Hamburg, sem ter desviado um só instante o pensamento daquilo que estava por acontecer. O seu livro pronto! As suas emoções registradas para sempre sobre o papel para que qualquer pessoa, em qualquer tempo ou em qualquer lugar, pudesse tomar conhecimento do que ela sentira, do que ela sonhara!

A menina tomou sozinha os dois ônibus necessários para chegar à gráfica do Wilson. Sozinha! Tão ocupada estava com o seu livro, que nem se deu conta de que o Anjinho não estava com ela...

Wilson já a esperava, de pé ao lado das pilhas de folhas impressas, cachimbo de lado, sorrindo e soltando baforadas, à espera do grande momento da menina, que seria também delicioso para ele observar.

— O que falta agora para acabar o meu livro, Wilson?

— Falta justamente isto que você falou, Laurinha. Falta o "acabamento"! As folhas impressas estão todas abertas, desdobradas, não é?

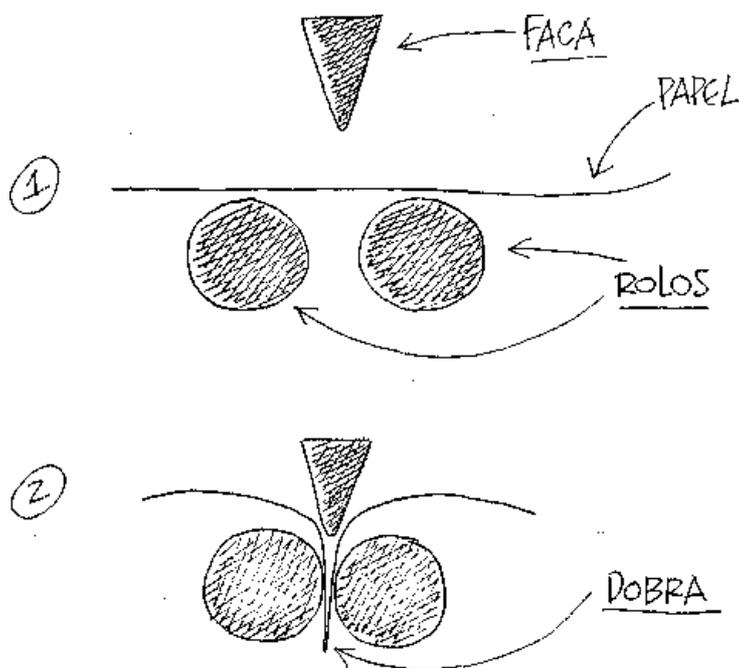
— E quem vai dobrar cada uma três vezes ao meio? Isso vai dar um trabalho danado, Wilson!

— Quem vai dobrar o papel é a "dobreira", Laurinha. Venha ver!

Empilhadas ao lado da máquina que Wilson chamava de "dobreira", as folhas do livro de Laurinha entravam na máquina e uma barra metálica chamada "faca" descia bem no meio delas, forçando o papel entre dois rolos. Estava pronta a primeira dobra. Em seguida,

mais duas "facas" desciam fazendo a segunda e a terceira dobra.

Aos poucos, os "cadernos do miolo" estavam dobrados e empilhados. Foram colocados em ordem e entraram em uma máquina de costura.



DOBRADEIRA

A faca força a folha de papel para dentro dos rolos e faz a dobra.

Com uma linha bem forte, a máquina costurou todos os cadernos entre si, de modo que não soltassem depois, quando alguém fosse ler o livro de Laurinha.

— A parte estreita do livro, onde os cadernos se juntam, é chamada de "lombada" — explicou Wilson. — Veja que, agora, esta máquina vai passar cola na lombada do seu livro...

Transportados de pé através de uma canaleta da máquina, os exemplares do livro passavam sobre uma roldana meio mergulhada em cola e saíam com a "lombada" besuntada. Depois disso, encontravam-se com as capas, feitas em papel mais grosso, e colavam-se a elas, automaticamente.

Laurinha lembrou-se da dificuldade que tivera ao numerar as

páginas de uma folha que ela mesma dobrara:

— Dobrado desse jeito, ninguém vai conseguir ler o livro, Wilson...

— Claro! Os cadernos ainda estão fechados, Laurinha. Vamos conhecer a guilhotina...

— Guilhotina? Aquela máquina infernal que cortava as cabeças das pessoas na França?

Wilson riu gostosamente:

— Isso era antigamente, Laurinha! Hoje em dia as guilhotinas só cortam papel...

Empilhados de dez em dez, os exemplares do livro de Laurinha eram ajeitados sobre uma mesa metálica, na tal "guilhotina". Em seguida, uma lâmina enorme e muito pesada caía sobre a pilha de livros, bem na beiradinha, e cortava as pontas das páginas, eliminando as pontinhas dobradas do papel. Isso era feito nos três lados, menos no da "lombada".

Laurinha olhou fixamente para a primeira pilha de livros que tinha sido colocada na guilhotina. Naquele momento, mesmo que Wilson nada dissesse, ela sabia que nada mais faltava para fazer em seu livro. Sentiu uma pressão dentro dos olhos, como se uma lágrima de emoção quisesse vir espiar o primeiro exemplar do seu livro. Foi aí que....

Laurinha sentiu uma mão quente em seu ombro. Devia ser do seu amigo Wilson. Mas outra mão apoiava-se também, e ela desviou os olhos da guilhotina.

Cercando-a e sorrindo, saboreando sua satisfação, estavam todos os seus amigos daqueles dias tão fascinantes: estava o mesmo Wilson, com o mesmo cachimbo e o mesmo sorriso; estava o Aurélio, estava o Pedro, estava o Rubens, estava o Genésio, estava o Roberto e estava até o Affonso, com os seus dois "éfes" e tudo!

Wilson pegou o primeiro exemplar do livro que acabava de ficar pronto e estendeu para a menina:

— Aqui está, Laurinha. O seu livro!

A menina pegou delicadamente o exemplar que Wilson lhe estendia. Como se tocasse a pele de um bebê, acariciou a capa com a ponta dos dedos. Aproximou-o do rosto. Sentiu-lhe o cheiro de livro estalando de novo. Parecia haver vida nele. A mesma vida que ela sentia no desabrochar de uma flor, no sorriso de uma criança, no beijo de um namorado. Laurinha "respirou" o livro e sentiu que ele agora fazia parte de si.

A voz de Wilson, continuou, emocionada:

— O seu livro, Laurinha! Feito com o seucalipto. Produzido com a sua persistência, com a sua imaginação. Com o seu amor... Você aprendeu muito conosco nesses dias, mas nós também aprendemos muito com você. A partir deste momento, você nunca mais será esquecida. Daqui para a frente, em algum lugar do mundo, sempre haverá a oportunidade de alguém estar lendo a sua história e aprendendo com você tudo o que você nos ensinou... Sabe, Laurinha? Nós todos também já tivemos a sua idade... Mas quase estávamos nos esquecendo de tudo que sofremos, que sonhamos e sentimos naqueles dias. Você nos ajudou a lembrar de tudo. E nós nunca mais vamos nos esquecer...

Laurinha beijou cada um daqueles amigos tão queridos. Não conseguiu dizer nada. Abraçou-se ao *seu* livro e saiu dali correndo, para que ninguém a visse chorar...

Um presente para Adriano

LAURINHA estava exausta, mas nem sentia o cansaço. Fechou os olhos, abraçada ao primeiro exemplar do livro que ela havia conseguido com tanto esforço.

O balanço do ônibus que a levava até à casa de Adriano embalava seus pensamentos.

Como tudo tinha sido tão excitante! Como tinha sido maravilhoso descobrir todos os segredos do grande mistério da fábrica de livros!

Ela tinha aprendido muito. Tinha aprendido que não existe uma fábrica de livros. Que a produção de um livro envolve muitas pessoas, diferentes empresas, diversas especialidades.

Mas o grande segredo, aquele que pouca gente conhece, é que, para fazer um livro, todas aquelas empresas e todo aquele esforço não são suficientes sem o ingrediente principal: a emoção! O amor de todas aquelas pessoas pelo livro!

Como foi gostoso descobrir isto! Daquele momento em diante, cada vez que a menina entrasse em uma livraria, ela seria capaz de sentir, em cada livro, o amor de cada pessoa que havia participado de sua produção. A emoção de pessoas como o Wilson, como o Roberto, como o Rubens, como o Aurélio, como o Pedro, como o Affonso, como o Genésio!

E, naquele livro em especial, naquele mesmo que ela abraçava agora, estavam misturadas, em todas as fibras do papel, as fibras do seu eucalipto! Em cada palavra ali impressa, em cada desenho, estava o seu amor de menina! Estava a sua imaginação!

Abriu os olhos de repente. Só naquele momento ela lembrou-se que, desde que saíra da casa do ilustrador, não mais havia visto o Anjinho!

Onde andaria ele? Olhou em volta, mas tudo o que via eram as ruas por onde passava o ônibus, cheias de carros e de pessoas apressadas.

— Anjinho, você me abandonou? — sussurrou Laurinha baixinho, para si mesma.

Não ouviu nenhuma resposta.

Mas, naquele momento, a menina entendeu qual era o segredo do Anjinho. Entendeu porque ele tinha desaparecido, porque crescia e encolhia a todo momento. Entendeu até porque ele agora não estava visível.

— Ah, Anjinho! Você é a minha *imaginação!*

Desta vez a menina falou gritando. E alguém, falando com um anjo, naturalmente tinha de chamar a atenção de todos os passageiros que se apertavam naquele ônibus.

Todo mundo olhou para ela e ela corou, envergonhada.

Sem jeito, disfarçou e ficou olhando para fora, até que as pessoas se esquecessem dela e voltassem a se preocupar com os problemas de suas próprias imaginações.

A imaginação! Laurinha tinha sido capaz de materializar a sua imaginação. Ela conseguira transformá-la em um Anjo! Um Anjo que crescia cada vez que novas idéias lhe surgiam na cabeça, e que encolhia, cada vez que lhe fugia o sentido de alguma coisa! A menina conseguira fazer crescer a tal ponto a sua imaginação, que agora ela não era mais visível, de tão grande que se tornara! Agora, o Anjinho de sua imaginação ocupava todos os lugares, estava em todas as partes, misturava-se a tudo!

E havia mais! O Anjinho de sua imaginação estava agora eternizado nas páginas daquele livro. Enquanto houvesse algum exemplar daquele livro, em alguma parte, alguém poderia partilhar de sua imaginação, de seu sonho, de seu Anjo, de seu amor! E, se essa

pessoa soubesse usar a própria imaginação, haveria de sentir ali todo o esforço, todo o carinho das pessoas fantásticas que Laurinha conhecera naqueles dias! O Wilson, o Aurélio, o Pedro, o Rubens, o Roberto, o Affonso, o Genésio!

Era tudo aquilo que a menina tinha para oferecer a Adriano. Era apenas um exemplar de um livro, mas trazia dentro de si tanta coisa, tanta coisa...

— Ah, quando Adriano souber!



Laurinha chegou à casa de Adriano com o coração batendo forte grudado ao livro que abraçava.

Olhou em volta, sabendo que o Anjinho estava por toda parte, envolvendo-a, dando-lhe forças... E aumentando sua esperança. A esperança de ter novamente Adriano consigo, de ouvir de novo sua voz sussurrada ao ouvido, de voltar ao mesmo bosque com ele, de sonhar juntos o mesmo sonho...

Apertou a campainha e aguardou, com o rosto queimando de expectativa.

A porta foi aberta, mas não foi Adriano que Laurinha viu.

Por um momento, a menina vacilou, como se tivesse apertado a campainha da casa errada e não soubesse o que dizer para se desculpar.

A sua frente, estava Lúcia!

Lúcia!

A mesma Lúcia que provocara toda sua dor, toda sua desesperança! Lúcia! Ali, na casa de Adriano!

Laurinha recuou lentamente e, de súbito, virou as costas e pôs-se a correr, sem sequer olhar para trás.

Correu loucamente, desesperadamente, como se fosse possível fugir do seu desespero.

Nem percebeu que deixara o livro cair na porta da casa de

Adriano.

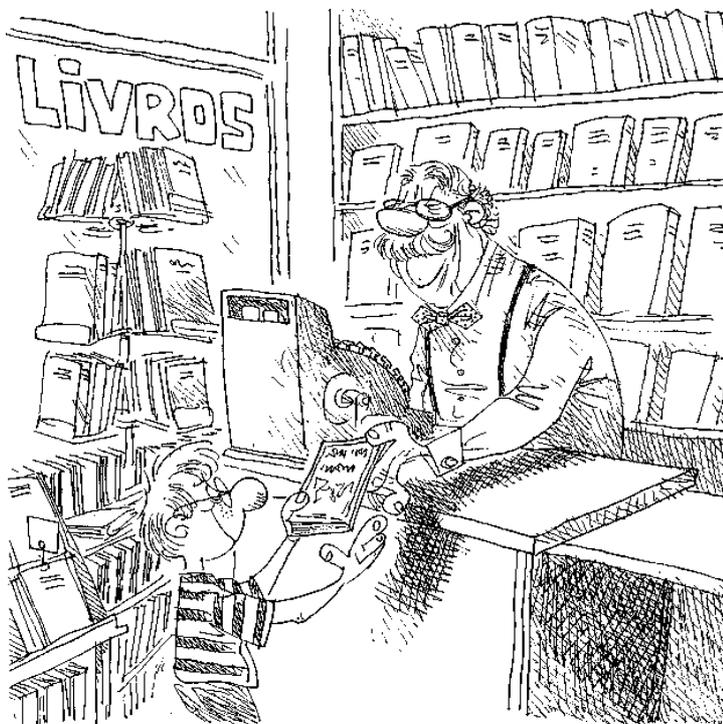


A mãe de Laurinha estava preocupada. Alguma coisa devia ter acontecido com a filha naquelas tardes que ela passava estudando na casa da amiga. Laurinha voltara triste, sem falar nada, e fechara-se no quarto.

Recusou o jantar e não disse nada quando a mãe entrou no seu quarto e sentou-se na beirada da cama, pronta a confortá-la e oferecer uma palavra de carinho que pudesse ajudar a menina.

Mas Laurinha não se abriu. Desculpou-se, alegando dor de cabeça, mas não conseguiu enganar a mãe.

A mãe de Laurinha também já fora uma adolescente e via agora suas recordações refletirem-se na filha. Laurinha estava exatamente do jeitinho que ela estivera, uma vez, há muito tempo, quando uma pequena briguinha com o rapaz que viria a ser o pai de Laurinha fora transformada, dentro de sua cabeça, em uma verdadeira tragédia.



Depois de prontos, os livros são vendidos pela Editora às livrarias, que os revendem aos leitores.

Aquilo eram males de amor, a mãe de Laurinha não duvidava. Mas ela também sabia que, para esses males, palavra de mãe ajuda pouco.

Tentou dizer alguma coisa, tentou confortar a filha com sua própria experiência, mas foi interrompida pelo telefone que tocava.

Saiu do quarto da menina e foi atender. Era a voz de um rapazinho, pedindo para falar com Laurinha.

— Laurinha! — chamou a mãe. — E pra você. E um rapaz chamado Adriano!

Do quarto de Laurinha, o que veio foi uma voz chorosa:

— Diga que eu não estou, mamãe! Diga que eu nunca mais estarei, em lugar nenhum!



Todas as manhãs, Laurinha ia a pé rapidamente para o colégio, que não ficava longe de sua casa. Naquela manhã, porém, seus pés praticamente a arrastavam contra sua vontade.

Ela havia dormido mal, e sonhara com o Anjinho, que ora se transformava em Adriano, ora virava um diabinho que vinha para atormentá-la ainda mais.

Mas, no meio do caminho para o colégio, Adriano esperava por Laurinha.

Quando a menina viu o rapazinho na esquina, pensou em correr, como fizera no dia anterior ao ver Lúcia abrindo-lhe a porta da casa de Adriano.

Mas não pôde. Ficou paralisada e cravou os olhos no chão, como se repentinamente estivesse muito interessada nos buracos do calçamento.

Adriano veio até ela. Cada passo que o garoto dava em sua direção servia para entorpecer-lhe os sentidos, e Laurinha pensou que ia desmaiar, quando Adriano chegou junto dela.

— Oi, Laurinha! O que houve? Por que você está fugindo de mim?

Laurinha levantou os olhos para o rapaz. Ainda era o mesmo garoto, ainda lhe provocava os mesmos sentimentos, ainda a fazia tremer.

Querendo gritar, Laurinha forçou-se a falar baixo, quase entredentes:

— E você pergunta, Adriano? Depois de tudo, você ainda pergunta?

O rapaz surpreendeu-se, sem saber o que estava acontecendo:

— O que houve? Mas o que foi que houve?

— Só vou dizer uma palavra, Adriano. E vai ser a última palavra que eu lhe digo: Lúcia!

O rapaz sorriu:

— Lúcia? O que tem a Lúcia? Você não gostou da minha irmã?

Como se fosse o Sol, forçando passagem no meio de nuvens carregadas que prenunciavam uma tempestade, a vida voltou luminosa, invadindo as veias de Laurinha, enchendo-lhe o coração de alegria, explodindo em um sorriso de alívio!

Adriano continuou falando, sem perceber o que acontecera com sua namorada, nem o que estava acontecendo naquele momento:

— A gente estava esperando abrir uma vaga no nosso colégio para a minha irmã menor, mas estava difícil. Só agora ela pôde ser transferida. Eu tentei apresentá-la a você, mas você andou fugindo de mim no colégio, esses dias todos!

Laurinha não se mexia. Olhava profundamente dentro dos olhos do garoto, como se o visse pela primeira vez e quisesse gravar para sempre cada traço de sua fisionomia na memória.

— Por que você correu quando minha irmã abriu a porta ontem para você?

Adriano segurou os ombros de Laurinha:

— Eu li o livro que você deixou cair, Laurinha. Eu liguei para a sua casa imediatamente, mas você não quis atender. Por quê? Você está agindo de um modo completamente diferente de tudo que está naquele livro. Como alguém pôde escrever uma história como aquela? E

coincidência demais, Laurinha! Naquele livro, está tudo que...

Laurinha encostou os dedinhos nos lábios de Adriano.

— Não fale mais, meu querido. Não há nada para falar, não há nada para explicar. Tudo é uma história tão maluca... Sabe? A culpa toda é de um anjinho doido, que imagina demais. Às vezes, imagina coisas maravilhosas mas, às vezes, anda por caminhos errados...

— Anjinho? Que anjinho é esse?

— Não ligue, Adriano. Tudo está bem... Tudo está maravilhosamente bem, meu querido...

Ergueu-se na pontinha dos pés e ofereceu os lábios para aquele garoto que ela perdera por algum tempo dentro dos labirintos de sua própria imaginação e que agora reencontrava, novamente materializado do modo que ela o imaginava com a força do seu amor.

— Adriano...

— Laurinha...

Naquele momento, estavam resolvidos todos os mistérios. Só restava agora o mistério maravilhoso do carinho entre eles dois...



A verdade sobre as pessoas
que fizeram este livro



● LIVRO que você tem nas mãos tem uma história especial. Uma história que está ligada a todas as pessoas que participaram dele, da idéia inicial até o momento em que ele chegou às suas mãos.

Todos os personagens deste livro são verdadeiros, existem de verdade. Todos eles são pessoas que dedicaram e dedicam sua vida ao livro e jamais poderiam fazer outra coisa.

A história começou com o Wilson Siviero e o Ariovaldo Capano, editores e gráficos há tanto tempo, que, para comemorar os 21 anos da Gráfica Editora Hamburg, imaginaram um livro que revelasse como se faz um livro. Aí, foi só reunir a turma. Nessa turma, tem o Pedro Bandeira, um escritor que você já conhece por livros como *A Droga da Obediência*, *A marca de uma lágrima*, *O fantástico mistério de Feiurinha* e tantos outros. Tem o Roberto Negreiros nas ilustrações, este artista maior cujos trabalhos você vê a toda hora em tantos livros, revistas e jornais. Tem o Aurélio Paglia Sobrinho, gerente da Indústrias de Papel Simão, que transforma árvores em sonhos. Tem o João Damasceno Affonso, da A. M. Produções Gráficas. Tem o Rubens de Barros Lima, um dos mais experientes produtores de livros do Brasil. Tem o Genésio Ortiz, da Grafcolor. Tem a Maristela Petrilli, da Moderna. E tem Laurinha!

Como? Laurinha não existe? Nós todos achamos que sim. Laurinha existe. Laurinha é você, o leitor, homem ou mulher, jovem ou velho, que é capaz de procurar em um livro o alimento para a sua alma, a provocação para o momento de apatia, a solução para o momento de dúvida, o consolo para a hora do desespero. Você, que é capaz de, lendo a história de Laurinha, acrescentar-lhe a sua própria história de amor, e transformar qualquer livro em um livro sobre *você!* Porque, nos livros, estamos todos nós, está a Humanidade, estão os registros de tudo aquilo que somos, que amamos, que esperamos, que queremos transmitir ao Futuro.

Este livro é a feliz reunião de amigos, que aproveitaram a oportunidade para transmitir a você um pouco de tudo que está por trás da feitura de um livro.

E este tudo chama-se *amor*.

Assim, *O mistério da fábrica de livros* tinha de ser uma história de amor. Ele foi produzido como resultado do amor ao livro de todos que participaram de sua realização.

Enquanto você lia este livro, nós, os seus criadores, estávamos de mãos dadas com você. E assim, esperamos estar para sempre!

Esta obra foi digitalizada e revisada pelo grupo Digital Source para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício de sua leitura àqueles que não podem comprá-la ou àqueles que necessitam de meios eletrônicos para ler. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca por qualquer contraprestação é totalmente condenável em qualquer circunstância. A generosidade e a humildade é a marca da distribuição, portanto distribua este livro livremente.

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Se quiser outros títulos nos procure :

http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros, será um prazer recebê-lo em nosso grupo.



http://groups.google.com/group/Viciados_em_Livros

<http://groups.google.com/group/digitalsource>



O MISTÉRIO DA FÁBRICA DE LIVROS

Uma história que mostra o processo fascinante da produção de um livro junto com a emoção do primeiro amor de uma menina...

Laurinha encontrara e agora via desfazer-se o seu primeiro amor.

Um namoro inocente que havia sido registrado pela imagem de um coração entalhado a canivete no tronco de um eucalipto. Mas até o seu eucalipto tinha sido derrubado...

Uma história vibrante e delicada, que entrelaça dois enredos: a história do amor de uma adolescente e a história da produção de um livro, o único veículo capaz de eternizar todas as histórias de amor.

ISBN 85-86419-01-X



9 788586 419010



Edições Rosari Ltda.